



INSTITUTO FEDERAL DO PIAUÍ

CAMPUS PARNAÍBA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**



ARTHUR RODRIGUES DOS SANTOS

**ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO DO
TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE
INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

**PARNAÍBA-PI
2021**

ARTHUR RODRIGUES DOS SANTOS

**ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO DO
TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE
INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Parnaíba do Instituto Federal do Piauí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Área de concentração: Ensino. Linha de Pesquisa: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes.

**PARNAÍBA-PI
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Santos, Arthur Rodrigues dos

S237e Ensino de língua inglesa contextualizado na formação do técnico em hospedagem: uma proposta complementar da integração entre a teoria e vivência da prática profissional / Arthur Rodrigues dos Santos. - 2021.
98 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal do Piauí, Campus Parnaíba, 2021.

Orientador : Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes.

1. Educação Profissional e Tecnológica (EPT). 2. Técnico em hospedagem. 3. Inglês instrumental. I. Título.

CDD - 378.013

Elaborado por Micheline Angélica Aragão Gouveia CRB 3/1244

**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

ARTHUR RODRIGUES DOS SANTOS

**ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO DO
TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE
INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 16 de Dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes
Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central
Orientador



Prof. Dr. Jeferson Luís Marinho de Carvalho.
Instituto Federal do Piauí – Campus Parnaíba



Profa. Dr. André Riani Costa Perinotto
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

ARTHUR RODRIGUES DOS SANTOS

**ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO DO
TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE
INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Piauí, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 16 de Dezembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Márcio Aurélio Carvalho de Moraes

Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes
Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central
Orientador

Jeferson Luís Marinho de Carvalho

Prof. Dr. Jeferson Luís Marinho de Carvalho.
Instituto Federal do Piauí – Campus Parnaíba

André Riani Costa Perinotto

Profa. Dr. André Riani Costa Perinotto
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Dedico esse trabalho à minha avó Ana Rosa da Silva Rodrigues, que nos deixou ainda durante o percurso desse programa, seu amor e preocupação foram as principais forças que me levaram a concluir esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas que devo agradecer, pois, durante esse complexo processo, muitos me ajudaram a continuar na incessante luta diária contra mim mesmo e contra as adversidades externas. Primeiramente, a minha avó, que já nos deixou, mas que sempre se preocupou com minha saúde e me aconselhou de diversas formas. Meu orientador, professor doutor Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, por ter aceitado o desafio de me orientar já quase no final do programa. À minha mãe Luzia Helena, por ter sempre estendido a mão quando precisei e continuar a ser meu porto seguro. À minha tia, Ana Maria Rodrigues, por ter me aconselhando e orientado de tantas formas e por ter sempre incentivado o meu estudo e acreditado no meu potencial intelectual. À minha esposa, Vanessa, por ter sido a melhor companheira que alguém poderia querer, por entender minhas ausências e me dar o suporte necessário, sendo, às vezes, o único refúgio que eu tinha das adversidades que a vida nos impõe. Ao meu irmão, Lukas, por ter sido sempre uma das maiores referências na minha vida, e alguém que sempre vou buscar aprovação. Aos meus colegas de curso, todos, sem exceção, pelas inúmeras discussões enriquecedoras que tivemos, pelas imensas ajudas que foram dadas nos grupos de *Whatsapp* e fora deles, pela leveza de lidar com as dificuldades diárias e todo o afeto que foi compartilhado, enfim, por ter feito valer a pena. A todos os professores do Programa, por terem aceitado o desafio de dar início a um programa de caráter extremamente crítico e necessário, mas cada vez mais ameaçado no mundo reacionário em que vivemos. E, por último, aos meus amigos, que foram sempre um lugar confortável em que pude me refugiar nos momentos mais difíceis.

Numa fase superior da sociedade comunista, depois de ter desaparecido a servil subordinação dos indivíduos à divisão do trabalho e, com ela, também a oposição entre trabalho espiritual e corporal; depois de o trabalho se ter tornado, não só meio de vida, mas, ele próprio, a primeira necessidade vital; depois de, com o desenvolvimento omnilateral dos indivíduos, as suas forças produtivas terem também crescido e todas as fontes manantes da riqueza cooperativa jorrarem com abundância — só então o horizonte estreito do direito burguês poderá ser totalmente ultrapassado e a sociedade poderá inscrever na sua bandeira: De cada um segundo as suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades!.

(Karl Marx, 1875)

RESUMO

A Língua Inglesa é uma ferramenta crucial para a comunicação, amplamente usada como meio para o entendimento e intercâmbio de ideias entre pessoas ao redor do mundo, expandindo as possibilidades de atuação, seja na vida cotidiana ou por razões profissionais. Mesmo assim, a porcentagem de falantes da Língua Inglesa na população brasileira é, significativamente, baixa. Na área do turismo, falar inglês é ainda mais importante, mas pouco se sabe sobre os motivos que levam ao reduzido número de falantes e baixo nível de fluência dos profissionais dessa área. A questão que se coloca diz respeito à existência de consciência ou não sobre o papel e a necessidade do inglês na percepção desse grupo e, por isso, esta pesquisa teve por objetivo conhecer o papel do ensino de língua inglesa na formação de profissionais técnicos em hospedagem, através de estudo de campo realizado com alunos do curso Técnico em Hospedagem e professores do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer do Centro de Ensino de Educação Profissional (CEEP) – Ministro Petrônio Portela, na cidade de Parnaíba (PI). O estudo é de cunho qualitativo e do tipo descritivo, iniciado com pesquisa exploratória e consulta às bases conceituais do programa, bem como estudo documental a respeito de textos oficiais que orientam as práticas da área. Como amostra, foram priorizados os alunos do curso técnico em hospedagem integrado ao ensino médio, junto dos quais foi aplicado um questionário com questões abertas e fechadas, questões estas que são estruturadas em pesquisa no âmbito da ESP (*English for Specific Purposes*), especialmente do instrumento do *Needs Analysis* (Análise de Necessidades), assim podendo averiguar como percebem a língua inglesa na formação profissional, isso é, a necessidade para a atuação profissional. Também, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis professores da mesma escola. Após coletados, os dados foram tabulados, decodificados e categorizados para a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). A partir dos resultados dessa pesquisa, foi desenvolvido o produto educacional que é um curso de extensão de inglês instrumental aplicado à hospedagem com o fim de apontar soluções para a problemática relacionada a formação profissional do Técnico em Hospedagem, procurando ampliar a interação entre o currículo da base comum e o eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer, aproximando-se da formação integral e omnilateral. Por fim, este trabalho está inserido dentro da linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica e se alicerça nas bases teóricas do PROFEPT, referentes à educação integral, formação omnilateral, interdisciplinaridade e politecnia.

Palavras-Chave: PROFEPT; Educação Profissional e Tecnológica; Técnico em Hospedagem; Inglês Instrumental; *Needs Analysis*.

ABSTRACT

The English language is a vital tool for communication, broadly used as a medium for the understanding and exchange of ideas between people around the world, expanding the possibilities in both everyday life and professionally speaking. Nevertheless, the percentage of speakers of English in Brazil is significantly low. In the field of Tourism, speaking English is even more important, but not much is known about the reasons behind the little number of speakers and low level of fluency of the professionals in this field. The question which arises is related to the existence of awareness or not about the role and the necessity of English in this group's perception and, therefore, this research had the objective of exploring the role of the English language in the education of hotel technicians, through a field study carried out with students of the course Hotel Technician and teachers of the Technological Axis of Tourism, Hospitality and Leisure in the Learning Center of Professional Education (CEEP) – Ministro Petrônio Portela, in Parnaíba (PI). This is a qualitative and descriptive study, which started with exploratory research and investigation of the conceptual basis of the program, as well as a documentary study regarding the official texts which guide the practices in the field. The sample was composed of students of the course hotel technician integrated to high school, who had to respond to a questionnaire with open and closed-ended questions, questions that are structured based on research on ESP (English for Specific Purposes), especially on Needs Analysis, which allowed us to understand how they perceive English in their professional education, that is, the necessity for professional practice. Semi-structured interviews were also realized with six teachers from the same school. After the collection, the data were tabled, decodified and categorized for the Content Analysis (BARDIN, 2011). From the results of this research, an educational product was designed which is an extension course of English for Specific Purposes applied to hospitality, with the intention of pointing out solutions for the problem related to the professional education of the Hotel Technician, seeking to extend the interaction between the common basis syllabus and the Technological Axis of Tourism, Hospitality and Leisure, which will lead to practices closer to integral and omnilateral education. Finally, this work is situated in the line of research Educational Practices in Professional and Technological Education and is established over the theoretical basis of PROFEPT, which refer to Integral Education, Omnilateral Education, Interdisciplinarity and Polytechnical School.

Keywords: PROFEPT; Professional and Technological Education; Hotel Technician; English for Specific Purposes; Needs Analysis.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ABP – Aprendizagem Baseada em Problemas

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

ESP – English for Specific Purposes

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

LE – Língua Estrangeira

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	36
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
5 PRODUTO EDUCACIONAL.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES.....	82
ANEXO.....	96

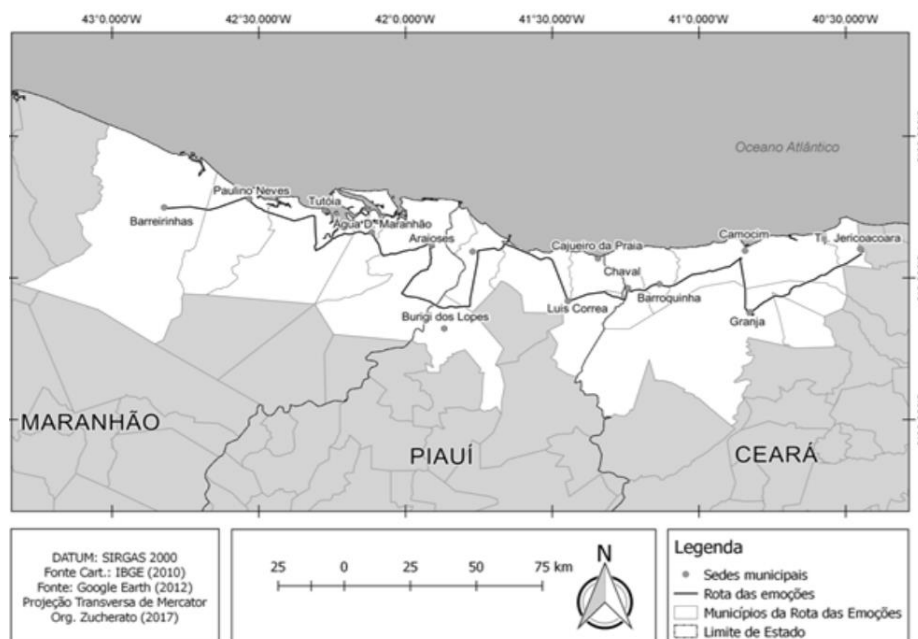
1 INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu de certa inquietação em relação ao reduzido número de falantes de língua inglesa na região do Delta do Parnaíba, em Parnaíba (PI), fenômeno perceptível para os moradores dessa região e que, no entanto, carece de fontes mais precisas e pesquisas regionais para que seja averiguado com o rigor científico. Entende-se que regiões com potencial turístico, necessariamente, possuem uma demanda para a expansão do seu mercado, e uma das formas de expansão é a ampla utilização de uma língua franca, o que poderia atrair turistas não só do país, mas de todo o mundo. Como explicam Araújo; Escouto; Boneli Vieira; Ferreira; e Perinotto (2020): “A atividade turística necessita de uma cadeia produtiva eficiente, que surpreenda os visitantes e desperte o interesse individual e coletivo”.

A realidade da região do Delta do Parnaíba tem características peculiares, pois está em um ambiente de transição geográfica, próximo dos limites da Amazônia (Meio Norte), do Sertão e de frente para a imensidão do mar. Além disso, é uma região que abrange parte do Maranhão e Piauí, e dista menos de 100 quilômetros do Ceará (IBGE, 2018). Toda essa efervescência aliada à colonização e ocupação por diversos grupos étnicos, desde povos originários até a relativamente recente presença inglesa, produz grande mosaico de riqueza histórica e social (ICMBIO, 2019) e estudá-lo é, pelo menos, instigante.

A Rota das Emoções surgiu oficialmente em 2005, apesar de já ser um roteiro explorado desde a década de 1990 (MATOS, 2013). Araújo *et al.* (2020) esclarecem que “a finalidade da Rota era atrair para a região contemplada do nordeste brasileiro, o maior número de turistas, almejando executar essa captação de forma tática e contínua” (p. 43). Depois de 15 anos da sua oficialização, é notável o desenvolvimento turístico da região, algo que pode ser verificado pela inclusão de municípios do litoral piauiense no Mapa do Turismo, como Luís Correia, Ilha Grande e Cajueiro da Praia, bem como a categorização de Parnaíba com a nota B (BRASIL, 2017).

Figura 1 – Mapa da Rota das Emoções



Fonte: Borges (2022).

Apesar disso, Maranhão e Ceará continuam sendo os destinos mais procurados pelos turistas (BRASIL, 2014). É preciso ressaltar que:

o Ceará destaca-se em relação aos demais, sobretudo, devido apresentar destinos turísticos consolidados, como Jericoacoara, e um histórico de políticas públicas anteriores ao PRODETUR, como o Programa de Desenvolvimento do Turismo no Litoral Cearense (PRODETURIS/CE) (ARAÚJO *et al.*, 2020, p. 44).

Assim sendo, desenvolver pesquisa local pode apontar questões importantes para que o Piauí consiga recuperar um pouco da desvantagem que tem em relação aos estados vizinhos que compartilham a Rota das Emoções, e pode levar, consequentemente, ao desenvolvimento de um produto que considera todas as idiossincrasias referentes ao contexto do litoral piauiense.

O inglês, já há muito tempo, vem sendo visto como esse diferencial e não mais “como uma questão de luxo ou status social, mas uma necessidade emergencial dos novos tempos, tendo em vista atender às inúmeras e crescentes demandas sociais e profissionais” (SANTOS, 2012, p. 96). O elemento mercado é fundamental nessa relação e a língua inglesa é a mais falada, dentre outros motivos, devido à influência da maior economia da atualidade, os Estados Unidos da América, que falam inglês. Estudar outras formas de utilizar o inglês, não apenas como assimilação imperialista por meio da língua (ORTIZ, 2004), mas talvez como objeto de autoconhecimento,

integração interdisciplinar e parceiro da formação omnilateral (que será explicada na seção de referencial teórico), é uma das contribuições atreladas a essa mudança de percepção em relação ao uso e aprendizado da língua inglesa.

Conhecer o papel do ensino do inglês a partir dos participantes do processo, os alunos e professores do curso Técnico em Hospedagem, se justifica pelo fato desses terem uma atuação diretamente relacionada ao turismo, e ainda não possuíamos dados locais a respeito do uso ou da importância do uso da língua inglesa na região do Delta do Parnaíba. Os estudos relacionados aos alunos e docentes do curso Técnico em Hospedagem do Centro Estadual de Educação Profissional – Ministro Petrônio Portela trouxeram novas informações que puderam esclarecer aspectos importantes quanto ao papel da língua inglesa para esses técnicos e apontaram caminhos para a busca de uma nova percepção quanto a esse assunto.

Os cursos técnicos integrados ao ensino médio detêm duas esferas curriculares: a básica que é desenvolvida de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a técnica que deve estar de acordo com o Eixo Tecnológico específico de cada curso. A contribuição acadêmica dessa pesquisa se deu enquanto instrumento de análise das práticas educativas no curso Técnico em Hospedagem, ponderando a presença ou não de integração entre o currículo básico e o eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer e a partir dos resultados dessa investigação foi possível apontar caminhos para a maior integração entre os dois currículos, especialmente através do produto que foi desenvolvido.

Acreditamos que a disciplina de língua inglesa foi um catalisador de integração curricular e possivelmente de interdisciplinaridade. A própria BNCC contempla essa aproximação ao indicar os objetivos de decidir sobre

formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem (BRASIL, 2018, p.16).

Logo, urge que se pensem práticas educativas que potencializem a dinamicidade, interação e colaboração no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica em especial na área de hospedagem da região.

1.1 Contextualização e Motivação da Pesquisa

A língua inglesa é ferramenta crucial para comunicação na comunidade global,

tanto para pessoas que a tem como língua nativa como para os não-nativos (PRACHANANT, 2012). Por isso, saber a língua expande as possibilidades de atuação seja de forma geral ou, de forma específica, por razões profissionais. Na área de hospedagem, isso não poderia ser diferente. Saber a língua já não é mais mera ostentação, mas uma necessidade e uma obrigação (JOSEPH E MUNGHATE, 2012), sendo o inglês, em grande parte a língua do turismo (IRIMIEA, 2018). Mesmo assim, ainda não temos porcentagem significativa de falantes da língua inglesa no Brasil.

De acordo com pesquisa realizada pelo Data Popular encomendada pelo *British Council* (2014), somente 5,1% dos brasileiros acima de 16 anos falam inglês. Para piorar, os que falam inglês conseguiram apenas a nota de 50,10/100 em proficiência de acordo com a instituição *English First* (2019), o que quer dizer que mesmo aqueles que sabem utilizar a língua, não o fazem com níveis desejáveis de comunicação, colocando o país na 59ª colocação, entre os mais de 100 países estudados. Assim, a educação e, especialmente, a educação profissional possuem mais desafios do que apenas o ensino para a aquisição de uma segunda língua.

Dentre as várias questões que podemos levantar, há a dificuldade de integrar o currículo da base técnica com o da base comum, que seria um problema relacionado à interdisciplinaridade (no caso, a falta dela). Esse problema não é exclusivo do curso Técnico em Hospedagem. De acordo com Frigotto (2008, p. 48) a interdisciplinaridade deve ser vista “como uma necessidade (algo que historicamente se impõe como imperativo) e como problema (algo que se impõe como desafio a ser decifrado)”.

A separação das aulas em disciplinas específicas e a dificuldade de se realizarem planejamentos conjuntos podem ser as causas para esse tipo de educação isolada que acontece em cada sala de aula, por cada professor, sem que haja conexão intencional entre uma discussão ou outra. Nesse sentido, o inglês poderia servir como elo entre essas duas esferas, já que integra, oficialmente, o currículo comum, mas notadamente tem proeminência considerável no âmbito técnico profissional (CRYSTAL, 2003).

Outro ponto que pode ser atingido com o aprimoramento do ensino da língua inglesa no âmbito da educação profissional diz respeito à natureza própria do ser humano enquanto ser social. A sociabilidade depende da linguagem e, ao se adquirir uma nova linguagem, se ampliam as possibilidades de interação social e, com isso, o trabalho, como elemento constitutivo do próprio homem, sofre positivamente os efeitos desta ampliação.

A respeito disso, Borges (2017, p. 103) esclarece que o trabalho “permite uma ação cada vez mais coletiva e articulada entre os homens, que vai exigir a linguagem, conseqüentemente, o caminho do desenvolvimento humano na natureza e no mundo humano como ser social”. Assim sendo, o estudo e aquisição de uma segunda língua, para além do benefício profissional, pode também impactar de forma contundente a formação humana já que amplia as possibilidades de socialização, ampliando o alcance da linguagem, agora não apenas monolíngue.

Mas, para que tal feito seja alcançado, é demandado que o participante da pesquisa encontre motivação ao passo em que se conscientiza a respeito da necessidade de aprender a língua inglesa, seja pela interação social ou pelo benefício profissional, isso é, que ele compreenda o papel da língua inglesa em sua formação profissional. E para tanto, necessita-se de um estudo minucioso a respeito da língua inglesa, do universo profissional do técnico em hospedagem e, especialmente no âmbito desse programa, das relações entre trabalho e educação, para que se entenda o fenômeno a partir de sua origem histórica e material, o que permitiu, assim, desenvolver um produto que pode auxiliar no processo de enfrentamento dessa problemática.

O produto proposto, e que incorporou esses atributos, é um curso de extensão de Inglês Instrumental (*English for Specific Purposes*), que engloba os aspectos da língua inglesa associando-os à realidade profissional preconizada no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) do curso Técnico em Hospedagem do Eixo Tecnológico Turismo, Hospitalidade e Lazer. Desse modo, entende-se que a interdisciplinaridade foi abraçada e os universos do trabalho e da educação se reuniram.

1.2 Questões Norteadoras

Levando em consideração o exposto nesse texto até então, a investigação aqui proposta teve como foco principal responder às seguintes perguntas: qual o papel do ensino da língua inglesa na formação de profissionais técnicos em hospedagem? Qual a percepção de necessidade da língua inglesa para a futura atuação? Como um produto educacional pode contribuir na melhoria da formação do técnico em hospedagem relacionado à língua inglesa?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Investigar o processo de ensino da língua inglesa, através de uma formação complementar que garanta a contextualização e a integração entre a teoria e a vivência da prática profissional dos alunos do Curso Técnico de Nível Médio em Hospedagem, na forma integrada, do CEEP - Ministro Petrônio Portela.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Descrever a percepção dos discentes do Curso Técnico em Hospedagem acerca da importância do ensino de Língua Inglesa na sua profissão;
- b) Identificar junto aos docentes do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer como possibilitar um ensino de Língua Inglesa contextualizado e que atenda ao perfil do egresso de curso Técnico em Hospedagem;
- c) Avaliar o curso de extensão de inglês na complementação curricular da formação profissional dos alunos do Curso Técnico de Nível Médio em Hospedagem, na forma integrada do CEEP - Ministro Petrônio Portela.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção são apresentadas as bases teóricas preliminares da pesquisa. Inicialmente faz-se um apanhado histórico a respeito do trabalho e da educação, bem como a sua união na forma de educação profissional, ressaltando também os principais conceitos da EPT e suas inter-relações. Na segunda parte, especificamos o ensino de língua inglesa em contexto profissional para a área de turismo, na qual o curso de hospedagem se insere (eixo turismo, hospitalidade e lazer).

2.1 Educação Profissional e Tecnológica: bases conceituais e suas inter-relações

Questionamentos a respeito da essência definidora do homem povoam o interesse do pensamento filosófico há muito tempo, desde o livro de Gênesis, no qual o homem é retratado como à imagem e semelhança do criador até teorias mais recentes como a de Maturana e Varela (1995), que creem que algo central na distinção do ser humano em relação aos outros animais é a sua capacidade de aprender e que “toda reflexão, inclusive a reflexão sobre os fundamentos do conhecer humano, se dá necessariamente na linguagem, que é nossa forma particular de sermos humanos e estarmos no fazer humano” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 69).

Porém, a concepção histórico-dialética a respeito do elemento que nos separa dos demais animais, levando em consideração que praticamente toda tentativa de definir o ser humano é “[...] marcada por um caráter especulativo e metafísico contraposto à existência histórica dos homens” (SAVIANI, 2007, p.154) é determinada pela presença do trabalho como elemento de fundação do ser humano:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1974, p. 19).

Os autores supracitados defendiam que o principal fator de distinção do homem em relação ao demais seres vivos é a capacidade de produzir sua própria existência, isso é, o homem é o único animal que não precisa se adaptar à natureza. Ao produzir sua própria existência, é a natureza, ao ser manipulada pelo homem, que se adapta

a ele. A ação que ocorre dessa manipulação ou elaboração da natureza é o que, no materialismo histórico-dialético, se compreende por trabalho. Deste modo, a origem do trabalho se confunde ou pode ser entendida concomitante à origem do homem.

Ao introduzir o conceito de trabalho de modo filosófico, é preciso ressaltar também a sua transposição didática para o contexto real. A práxis, nesse sentido, pode elucidar esse problema, apontando caminhos para a sequência natural e pedagógica do caminhar humano. Por práxis, entende-se como a:

[...] atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (KONDER, 2018, p. 123).

No entanto, o trabalho como elemento separado da educação, é um fenômeno posterior e, segundo Saviani (2007), começa junto com a instituição da propriedade privada. Nesse momento, os meios de produção se limitavam à própria terra e a possíveis instrumentos utilizados para a agricultura ou pecuária, de modo geral. Ao limitar o acesso à terra e instrumentos a um grupo exclusivo, criou-se a necessidade de se trabalhar para outros, isso é, de que certos indivíduos empenhassem suas forças de trabalho em uma terra que não era de propriedade coletiva. Os proprietários dessas terras, então, não só decidiam como era dividido os proventos, como ficavam com a maioria, o que lhes diminuía a necessidade de trabalhar, gerando mais tempo ao “ócio”. Os que não possuíam terras precisavam trabalhar para produzirem sua própria existência e a de seus senhores.

É importante ressaltar que a separação histórica do trabalho deve ser superada, já que, ontologicamente, trabalho manual e intelectual são parte de um mesmo fenômeno, assim como educação e trabalho devem andar juntos. Um norte a ser seguido é a implementação do trabalho como princípio educativo, como apontado por Gramsci, que dizia que:

Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo faber do homo sapiens. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um ‘filósofo’, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover maneiras de pensar (1982, p. 7-8).

Ainda baseado no autor, é sabido que:

O princípio educativo sobre o qual se baseavam as escolas elementares era o conceito de trabalho, que não se pode realizar em todo seu poder de expansão e de produtividade sem um conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem legal que regule organicamente a vida recíproca dos homens, ordem que deve ser respeitada por convenção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta pelos próprios homens como liberdade e não por simples coação (GRAMSCI, 1982, p. 130).

Gramsci (1982) também nos guia ao conceito de Formação Integral. O termo “integral” tem sido erroneamente usado, de forma indiscriminada, para descrever a educação que acontece em dois turnos ou a educação que envolve a Base Comum e algum Eixo Tecnológico, normalmente expresso na forma de um curso técnico. Essas definições são limitadas e não dão conta de compreender a realidade do modo como ela se apresenta, com todas suas contradições e desafios.

Além disso, a formação integral, ou omnilateral (que envolve também o conceito de educação tecnológica ou politécnica) “engloba a formação geral dos educandos. Esta deve ser compreendida não como formação generalista ou exclusivamente de cultura humanista, mas de desenvolvimento da autodisciplina e autonomia intelectual dos estudantes” (RAMOS, 2021, p. 31).

Além do trabalho, a formação integral é composta de outros elementos. Para que atinja todo seu potencial, a educação precisa se alicerçar sobre várias dimensões humanas, tendo sim o trabalho como o princípio educativo, mas sem ignorar os aspectos da cultura, ciência e tecnologia.

A formação humana integral se caracteriza por valorizar o potencial criativo do sujeito, em suas dimensões intelectual e prática, estruturando-se a partir do eixo trabalho, ciência, tecnologia e cultura, adotando o trabalho como princípio educativo e a pesquisa como princípio pedagógico (SILVA; FIORI, 2021, p. 173).

Dentre esses elementos, chamaremos atenção ao aspecto da cultura, já que, tanto para a área de hospedagem como para a de ensino da língua inglesa, a cultura tem papel central. É através da cultura, por exemplo, que é possível operar a manutenção das relações desiguais entre os seres humanos pois é instrumento de organização e controle social. Deste modo, defender o trabalho como princípio educativo é lutar pela superação dessa desigualdade e da exploração defendidas pela burguesia “tanto pela via da hegemonia econômica (estrutura) quanto pela via da hegemonia cultural (superestrutura)” (OLIVEIRA; FRIGOTTO, 2021, p. 16).

Mas, a cultura não é e não pode ser vista apenas como elemento de controle

exercido pela burguesia, a chamada superestrutura. Quando do ensino da língua inglesa, especialmente nesta, por se configurar como elemento linguístico de caráter imperialista, algo que será aprofundado no capítulo seguinte, a cultura pode muitas vezes assumir o viés de hegemonia cultural. Todavia, a educação profissional e tecnológica pode ser justamente essa via de superação da hegemonia burguesa.

A educação profissional e tecnológica, numa perspectiva de emancipação, portanto que se contrapõe à alienação, busca se constituir num processo formativo que favoreça a apropriação da cultura, entendida, em seu sentido antropológico, como tudo que é produzido historicamente (conhecimento, valores, arte, ciência, filosofia, tecnologia etc.) (MADUREIRA, 2021, p. 77).

Em se tratando de educação profissional, faz-se necessário também salientar seu aspecto politécnico. Nesse caso, tanto Educação Tecnológica como Educação Politécnica tratam do mesmo assunto.

A expressão, portanto, necessariamente nos coloca no plano da formação geral de trabalhadores num tempo-espço histórico, que contemple a educação intelectual, corpórea e propriamente tecnológica, no sentido da apreensão de bases científicas e culturais da produção de um tempo, além do desenvolvimento de capacidades e conhecimentos para agir em contextos em transformação e transformados pela ciência e tecnologia. Nesse sentido, educação tecnológica deve ser tratada como sinônimo, ou de mesma raiz filosófica, ético-política, da educação politécnica, significando aquela que proporciona aos estudantes e aos trabalhadores a apreensão dos fundamentos científicos, tecnológicos, sócio-históricos e culturais da produção moderna (RAMOS, 2021, pp. 29-30).

Porém, a educação profissional não se desenvolve alheia aos fenômenos históricos e materiais, nem está imune às contradições do nosso mundo. Desde o surgimento do capitalismo, e até mesmo antes disso, educação e trabalho têm se relacionado de diferentes formas, por vezes se aproximando dos ideais omnilaterais, mas quase sempre sendo apropriados pela burguesia mundial.

O capitalismo foi gestado por longos anos ainda no período feudal, tendo como principais fatores de desenvolvimento o mercantilismo, as grandes navegações e consequente desenvolvimento do espaço urbano, burgos, centrados em uma lógica, sem precedentes do acúmulo de bens materiais (COMPARATO, 2011).

É nesse contexto que surge o trabalho assalariado, ao passo que o trabalhador, antes preso ao pedaço de terra concedido pelo senhor feudal, agora era livre para vender sua força de trabalho em troca de uma quantia em dinheiro, ao mesmo tempo em que era despojado por completo dos meios de produção. Estes agora ganham novos contornos e deixavam de se manifestar apenas na condição de porção de terra.

As fábricas, os teares, as grandes indústrias, tudo isso modificava drasticamente o ambiente urbano moderno, diferenciado do campo e, às vezes até antagônico.

A Primeira Revolução Industrial marca essa transformação da civilização. Alguns esforços, já de início, são empenhados no sentido de tornar os trabalhadores mais produtivos, o que é fundamental para que haja produção de excedente e, por conseguinte, lucro, objetivo maior do modo de produção capitalista. O modelo de organização da produção inicial era o que Marx e Engels (1974) chamavam de cooperação simples, também podendo ser chamado de manufatura.

De modo resumido, os primeiros burgueses trouxeram os artesãos, que já possuíam experiência em determinadas funções para trabalharem juntos no mesmo local, o que aumentava drasticamente a capacidade de produção daqueles trabalhadores. Deslocar trabalhadores para trabalharem no mesmo lugar também conferiu uma tentativa de educar por meio da socialização entre diferentes profissionais, melhorando não só a produtividade, mas a formação desses trabalhadores. Como descreve Saviani (1989), de forma precisa:

[...] o capitalismo, quando se constituiu, serviu-se da habilidade dos trabalhadores já existentes, já desenvolvida a partir da Idade Média. Aqueles artesãos que tinham habilidade de produzir determinados objetos, foram reunidos num mesmo local e postos a trabalhar a serviço do capital, operando com os meios de produção que eram propriedade privada dos capitalistas (SAVIANI, 1989, p.13).

Na manufatura, ainda existia um foco nos trabalhos manuais, artesanais e feitos de modo coletivo por diferentes trabalhadores. Esse período se encerrou com a introdução das máquinas, que passaram a fazer parte do trabalho nas fábricas. A máquina desempenhava funções dentro das fábricas antes de domínio dos trabalhadores, porém com maior rapidez e menor custo para o capitalista. Marx, na sua obra *O capital*, resume de forma categórica esse fenômeno dentro da sociedade capitalista ao dizer que as condições de trabalho não foram melhoradas pois não era esse o objetivo da incorporação da máquina ao processo produtivo, explicando que:

[...] essa não é em absoluto a finalidade da maquinaria utilizada de modo capitalista. Como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela deve baratear mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador necessita para si mesmo, a fim de prolongar a outra parte de sua jornada, que ele dá gratuitamente para o capitalista. Ela é meio para a produção de mais-valor (MACHADO, 2007, p. 548).

Em outras palavras, a máquina possibilitou a superexploração do trabalhador, já que aumentou a mais-valia (parte da jornada que ele dá gratuitamente para o

capitalista). Com essas modificações, o trabalhador deixou de ter domínio total da técnica empenhada na produção de mercadorias, perdendo sua centralidade no processo produtivo e a consequência disso foi a divisão alienante no trabalho.

Esse modo de organização da produção ficou conhecido como taylorismo por ter como principal mentor Frederick Taylor, especialista em ciências administrativas que procurou maximizar o lucro ao racionalizar a ação humana dentro das fábricas. Sobre isso, Antunes (2009, p.39) pontua que “[...] paralelamente à perda de destreza do labor operário anterior, esse processo de desantropomorfização do trabalho e sua conversão em apêndice da máquina-ferramenta dotavam o capital de maior intensidade na extração do sobretrabalho”. A desantropomorfização do trabalho também foi sentida na escola com a lógica de racionalização no ambiente educativo.

A concepção de educação dentro da perspectiva taylorista pressupõe uma formação especializada, na forma de instrução para a execução de tarefas repetitivas e fragmentadas, ofertando ao trabalhador o mínimo necessário para tão somente desenvolver seu trabalho, na contramão da concepção politécnica ou omnilateral marxiana (CIAVATTA, 2014). Outro aspecto importante de se observar é a acentuação da divisão do trabalho entre aqueles que o pensam e aqueles que o executam, estando relegado àqueles que executam a educação profissional ou técnica e, aos que pensam, a formação acadêmica e intelectual.

Ao passo que a população mundial crescia, sobretudo nas cidades, e os mercados globais se conectavam, as necessidades de consumo e consequente demanda de produção aumentavam (RIBEIRO, 2015). Nesse sentido, era fundamental aumentar ainda mais a capacidade de produção das fábricas de modo a atender esse novo volume de demanda.

O fordismo traz em si algumas heranças do taylorismo, mas foi a fixação dos trabalhadores ao lado de uma esteira para que a mercadoria se movesse até eles otimizando, ainda mais, o tempo de produção que se mostraram fundamentais para que se produzisse em larga escala. Outro fator de diferenciação foi o controle das fontes de matéria-prima e energia, investimento no transporte e maquinário (BRAVERMAN, 1987).

Em relação à formação profissional, este modelo não suscitou transformações relevantes pois, assim como o modelo taylorista, as exigências em relação às habilidades do trabalhador eram muito baixas e, exclusivamente, técnicas. Poder-se-ia destacar a criação das Escolas Técnicas Federais a partir do Decreto nº. 47038 de

16 de novembro de 1959 (RAMOS, 2014) que demonstrou maior preocupação do então governo Juscelino Kubitschek com o progresso da indústria, sobretudo automobilística, maior símbolo do fordismo.

O pós-segunda guerra deixou sequelas no mundo e suscitou transformações em níveis globais. Devido aos altos débitos e prejuízos materiais, a produção em larga escala fordista perdeu um tanto o seu sentido e deu espaço para um modelo de produção baseado na demanda, satisfação total do cliente e alto grau de envolvimento do empregado com a empresa (SAVIANI, 2003). Apesar do caráter inovador desse novo modelo de produção, assim chamado por ter sido primeiro experimentado na empresa de carros japonesa Toyota, ele ainda trazia consigo configurações antigas, assim:

[...] reedita-se, obviamente em termos novos, o fenômeno que ocorreu por ocasião da Primeira Revolução Industrial, quando a introdução da maquinaria, de instrumento que poderia libertar os trabalhadores do trabalho pesado, se converteu em meio que maximizava a exploração dos trabalhadores (SAVIANI, 2003, p. 150).

Dentre as novas exigências impostas a esse trabalhador, a qualidade multi-tarefas parece ser a de maior impacto na educação profissional. Os capitalistas, em resumo, perceberam que “podiam multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, os dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtualidades da inteligência” (BERNARDO, 1996, p. 19).

Nesse momento, talvez fique mais evidente ainda que a “[...] produção e a divulgação do conhecimento não se faz alheia aos conflitos, antagonismos e relações de forças que se estabelecem entre as classes ou grupos sociais” (FRIGOTTO, 2008, p. 51). Ao abordar a questão da interdisciplinaridade, Gaudêncio Frigotto demonstra como a divisão de disciplinas que acentuou seu caráter utilitário ainda hoje afeta a educação, resquício dessa demanda da produção flexível, em que um trabalhador deve ser capaz de desempenhar diversas funções e que os diversos conhecimentos são vistos apenas como um grupo de ferramentas que devem, separadas, cumprir uma função para a produtividade.

Além da divisão curricular, outros aspectos da educação chamam a atenção nesse novo cenário. A forma como o conhecimento produzido em instituições de nível superior é acessibilizado à escola (a chamada “pedagogização” do conhecimento) de modo a privilegiar noções de competência se tornou um processo intrinsecamente ligado às demandas do mercado por operários projetados para esse mundo de

economia flexibilizada. Sobre competência, Bernstein explica que:

O conceito refere-se aos procedimentos para fazer parte do mundo e construí-lo. As competências são intrinsecamente criativas e se adquirem tacitamente por meio de interações informais. São realizações práticas. A aquisição desses procedimentos está além da esfera das relações de poder e de seus posicionamentos diferenciais e desiguais, ainda que a forma que essas realizações possam assumir não esteja claramente fora das relações de poder (BERNSTEIN, 2003, p. 77).

É importante relatar que a divisão curricular em si e a noção de competência não significam um retrocesso, o que nos permite afirmar que a formação do trabalhador de fato progrediu em relação a períodos anteriores, o que não quer dizer que isso se generalizou para todas as nações do mundo. O Brasil é um país de economia dependente que teve sua revolução burguesa de modo tardio (FERNANDES, 2005), algo que afeta diretamente no tipo de liberalismo desenvolvido nesse país e em todos os outros que tem características similares.

Desse modo, nossa educação pouco se moveu em direção a uma escola omnilateral, visto que até mesmo a terceira revolução industrial penetrou parcialmente dentro do país, e que, ao analisar as últimas proposições no âmbito da legislação educacional, sobretudo a mais recente reforma do ensino médio Lei Federal 13.415/17 BRASIL, 2017), percebemos que a tendência é a consolidação do modelo de competências.

2.2 Língua Inglesa no contexto profissional do turismo

A língua inglesa é atualmente a língua mais falada do mundo, quando unidos falantes nativos e não-nativos (SIMONS, 2020). Com cerca de 1.132.366.680 de falantes ao redor do globo, falar inglês não pode ser entendido apenas como artigo de luxo, mas uma necessidade num mundo cada vez mais globalizado, sobretudo na área de turismo (JOSEPH E MUNGHATE, 2012; IRIMIEA, 2018). Este fato pode ser explicado por pelo menos duas perspectivas: uma tende a enxergar o processo de disseminação de uma língua de modo neutro e outra que busca entender as relações que envolvem esse fenômeno numa perspectiva mais crítica, levando em conta fatores históricos e sociais.

Zabala (1998, p. 27) explica que “por trás de qualquer proposta metodológica se esconde uma concepção do valor que se atribui ao ensino, assim como certas ideias mais ou menos formalizadas e explícitas em relação aos processos de ensinar

e aprender”. Por isso, é importante que se tenha discernimento quanto a esse processo para que se eleja uma concepção de ensino que leve em conta a perspectiva que mais se adeque aos objetivos de formação profissional propostos nesse estudo. Afinal, é através do ensino que a língua inglesa tem uma das suas formas de difusão.

Ao se reportar a difusão da língua inglesa ao redor do planeta, não são poucos os que veem este processo como simples efeito da globalização. As populações estão mais conectadas e, por isso, precisam de um idioma que propicie essa conexão, para que se façam entender dentro dos dispositivos eletrônicos ou nas viagens internacionais. O inglês é, segundo essa visão, a língua preferida por se tratar de língua com maior raio de atuação e, portanto, oferece mais vantagens a seus falantes (ORTIZ, 2004). Dessa forma, o aprendizado é visto como algo neutro, resultado da disponibilidade de aprendizado e da vontade de aprender de indivíduos que percebem benefícios.

[...] São os indivíduos, e não os países, que aprendem inglês como segunda língua. E eles o fazem, não por causa de abstrações, como a diversidade linguística ou a balança de pagamento, mas porque o conhecimento do inglês os ajuda a comunicar num determinado contexto, no qual, por razões econômicas, educacionais ou emocionais, eles desejam se comunicar com os outros e a oportunidade de aprender inglês encontra-se disponível (ORTIZ, 2004, p.106).

Essa visão ressalta a escolha individual, acima das relações sociais, como principal fator de motivação para o aprendizado da língua inglesa. É um ponto de vista sumariamente otimista, que entende a difusão da língua inglesa como motor da globalização, da conexão entre os povos e melhoria de vida para indivíduos. No entanto, mesmo com ares de neutralidade, há cargas ideológicas por trás dessas ideias. Conforme Ortiz (2004), Jeremy Tunstall é um dos que justifica o sucesso do inglês por critérios alegadamente técnicos. Segundo ele, além do inglês se mostrar superior a outros idiomas em termos comunicacionais, citando a discrepância entre o alemão em suas variedades falada e escrita,

O inglês tem também a gramática mais simples do que qualquer outro idioma concorrente, como o russo. A língua inglesa é a que melhor se adapta a histórias em quadrinho, manchetes de jornais, frases de efeito, subtítulos de fotos, canções pop, gracejos de disc-jockey, flash e músicas para comerciais (TUNSTALL, 1977 apud ORTIZ, 2004, p.128).

Esse tipo de crença está tão enraizado em nosso cotidiano que para muitos soa quase como natural. Quem nunca ouviu frases como “a gramática inglesa é bem mais simples que a do Português” ou algo do tipo? O fato é que, um estudo feito por

pesquisadores na universidade de Barcelona apontou que o contexto é fundamental para os resultados no que se refere à aquisição de uma segunda língua. Serrano, Llanes e Tragant (2011) fizeram um experimento de avaliação de habilidades linguísticas com 3 grupos de estudantes de inglês: um de alunos que viajariam para a Inglaterra; outro com alunos que fariam um curso intensivo de inglês na Espanha; e por último, um grupo que teria aulas em modalidade semi-intensiva.

Os resultados do estudo mostraram que, em habilidades de fluência e complexidade lexical, os alunos que tiveram um aprendizado de imersão se sobressaíram em relação aos demais grupos, mesmo que em outras habilidades, como fala e escrita, eles tenham conseguido resultados parecidos. Foi o contexto social, de interação direta com falantes nativos, que gerou o diferencial no aprendizado, no caso desse experimento.

A partir dessa reflexão inicial, infere-se que não é possível afirmar categoricamente que uma língua é mais difícil ou mais fácil que outra, sem que se envolva nessa reflexão o contexto em que esse aprendizado se dá ou até fatores afetivos, como motivação, autoconfiança e ansiedade (KRASHEN, 1982). Tampouco podemos enxergar a difusão linguística do inglês como mero fenômeno natural, resultante de uma escolha de indivíduos e da maior conexão entre os povos. Tendo dito isto, passemos para a segunda parte dessa seção, que envolve uma reflexão mais crítica a respeito da difusão da língua inglesa e seu aprendizado.

A economia influencia diretamente na vida das pessoas e isso não é diferente para o ensino de línguas. Os maiores expoentes, isso é, os países mais influentes dentre os que falam a língua inglesa, por coincidência ou não, também são duas das maiores economias globais: os Estados Unidos da América e a Inglaterra (ou o Reino Unido).

A Inglaterra foi a primeira nação a despontar na disputa inicial da primeira revolução industrial. Já os EUA são a maior economia da atualidade, tendo seu império consolidado no pós-segunda guerra. Apesar desse dado de acesso relativamente fácil, ainda são muitos os estudos que ignoram o fator econômico, e por conseguinte, os fatores políticos e sociais na análise da difusão da língua inglesa (ORTIZ, 2004; NASCIMENTO, 2018).

É difícil pensar a utilização, o ensino e o aprendizado da língua inglesa sem levar em consideração questões como o imperialismo e o neoliberalismo, duas faces de uma mesma moeda. O primeiro aspecto explica o poder que nações

economicamente hegemônicas têm de impor suas demandas, sejam elas no campo da economia, da política ou até da cultura e, conseqüentemente, da linguagem. Já o segundo, fala sobre o estágio corrente do capitalismo, iniciado no final da década de 1970, e suas repercussões como a divisão internacional do trabalho, a desregulamentação do mercado, sobretudo em economias periféricas, a eliminação de barreiras comerciais (beneficiando os grandes conglomerados multinacionais) e o subdesenvolvimento como política de conservação da ordem (DUMÉNIL; LÉVY, 2004). O caráter imperialista, em especial, explica, em parte, a difusão linguística do inglês:

Esta busca, estrutural no capitalismo, sempre esteve aliada a processos de dominação de toda espécie, indo desde a simples imposição da abertura de fronteiras de países em nível de desenvolvimento inferior, com dramáticas conseqüências já conhecidas, até o colonialismo puro e simples, e toda sua pressão e extorsão decorrentes. Seus meios são as guerras, a subordinação, a *aculturação* e, sobretudo no passado, a evangelização (DUMÉNIL; LÉVY, 2004, p. 15, grifo nosso).

Uma das principais formas de aculturação é a imposição linguística. Afinal, de que outro modo explicaríamos a utilização tão corriqueira e despretensiosa de palavras como “*e-mail*”, “*hot dog*”, “*mouse*”, “*notebook*”, “*check-in*”, “*delivery*”, entre tantos outros?

Assim sendo, é preciso ter uma visão menos ingênua a respeito da difusão linguística do inglês por todo o planeta. Muitos creem na globalização como um processo natural de aproximação entre os povos que se dá de forma isenta de processos externos, como o interesse político e ideológico de seus principais atores.

No entanto, não há como pensar qualquer processo interativo humano, seja ele individualizado ou coletivo, sem considerar os aspectos sociais e culturais pois, como defendia Vygotsky: “o desenvolvimento mental humano não é passivo, nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida” (COELHO; PISONI, 2012, p.147). A língua, nesse contexto, é o principal vetor ou “instrumento” de interação, e por isso, tem papel fundamental dentro das práticas neoliberais e imperialistas.

Uma língua não se torna global por causa de suas propriedades estruturais, pelo tamanho de seu vocabulário, por ser veículo de uma grande literatura do passado, ou ter sido associada a uma grande cultura ou religião [...]. Uma língua torna-se internacional por uma razão maior: o poder político de seu povo – especialmente seu poderio militar [...]. Mas o domínio internacional de uma língua não decorre apenas da força militar. O poder militar de uma nação pode impor uma língua, mas é necessário um poderio econômico para mantê-

la e expandi-la [...]. O crescimento dos negócios e de uma indústria competitiva trouxe uma explosão internacional do marketing e do business [...]. A tecnologia, na forma do cinema e dos discos, canalizou as novas formas de entretenimento de massa, o que teve um impacto mundial. O impulso no progresso da ciência e da tecnologia criou um ambiente internacional de pesquisa, conferindo ao conhecimento acadêmico um grau elevado de desenvolvimento. Qualquer língua, no centro dessa explosão de atividades internacionais, repentinamente, teria sido alçada a um status global (CRYSTAL, 2003, p. 9 e 10).

Em convergência com essas ideias, pensa-se ser necessário eleger uma definição a respeito deste fenômeno que aqui se discute, referente à utilização em massa de uma língua por vários povos. A tradição é o processo de transmissão de conteúdos culturais entre uma geração e outra, isso é, num determinado tempo. Mutuamente, o fenômeno de “difusão” também se refere à transmissão de conteúdos culturais, porém não mais num intervalo de tempo, mas num determinado espaço.

Adotaremos então a palavra difusão, já que sua “definição pressupõe, portanto, a existência de um centro irradiador e de um espaço comum partilhado por culturas distintas” (ORTIZ, 2004, p.9). Comparativamente, o imperialismo também pressupõe a existência de um centro de irradiação, o que reforça a ideia de que o fenômeno de difusão tem como um de seus principais fundamentos o momento atual do capitalismo.

Desse panorama entende-se que é preciso estar atento aos fenômenos políticos, econômicos e sociais que envolvem o ensino da língua inglesa, sobretudo nosso contexto histórico-cultural, o desenvolvimento em que se encontra o capitalismo e as relações entre as diferentes nações, sejam elas hegemônicas ou, no nosso caso, periféricas (FERNANDES, 2005).

Este discernimento é fundamental para que não se propague uma prática educativa que corrobore com a “mercantilização da língua não apenas no tratamento do conhecimento linguístico como moeda de troca, mas também vinculada à circulação de bens, que muitas vezes depende de recursos linguísticos para que se efetive” (NASCIMENTO, 2018, p.45), algo que iria de encontro com as concepções presentes na Resolução nº06/12 que regulamenta a Educação Profissional e Tecnológica no Brasil, que assinala em seu artigo de número 6, § 5º a “indissociabilidade entre educação e prática social, considerando-se a historicidade dos conhecimentos e dos sujeitos da aprendizagem” (BRASIL, 2012).

Nesse contexto surge a demanda por diferentes formas de ensino da língua inglesa. O caminho mais óbvio e natural, num primeiro momento, é a análise da oferta de ensino do inglês na educação básica, por se tratar da modalidade de ensino

obrigatória no nosso país. Partindo da análise dos documentos oficiais, temos como principal lei regulamentadora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que, inicialmente, não previa a obrigatoriedade do ensino da língua inglesa, mas que foi recentemente modificada pela Lei nº 13.415, de 2017, tornando obrigatório o ensino desta língua a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, assim como no Ensino Médio.

A segunda referência oficial obrigatória são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No seu texto introdutório a respeito do ensino de línguas estrangeiras, os PCNs do Ensino Fundamental indicam a função social desse conhecimento na sociedade brasileira, relatando que:

Tal função está, principalmente, relacionada ao uso que se faz de Língua Estrangeira via leitura, embora se possa também considerar outras habilidades comunicativas em função da especificidade de algumas línguas estrangeiras e das condições existentes no contexto escolar (BRASIL, 1999, p.15).

Fica nítido a preferência pela modalidade da língua expressa nas habilidades de leitura e escrita, sobretudo esta primeira. O ensino de línguas estrangeiras é, em geral, visto dentro de uma conformação com a situação vigente e a modalidade oral é apenas reconhecida em seus poucos espaços de utilização espontânea (fronteiras com os países de língua espanhola, comunidades de povos originários e grupos de imigrantes em grande parte europeus). Essa escolha fica evidente no capítulo que discorre sobre a justificativa social para a inclusão de língua estrangeira no ensino fundamental.

Deste modo, considerar o desenvolvimento de habilidades orais como central no ensino de Língua Estrangeira no Brasil não leva em conta o critério de relevância social para a sua aprendizagem. Com exceção da situação específica de algumas regiões turísticas ou de algumas comunidades plurilíngues, o uso de uma língua estrangeira parece estar, em geral, mais vinculado à leitura de literatura técnica ou de lazer. Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, as necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato. Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna (BRASIL, 1999, p. 20).

Já nos PCNs específicos do Ensino Médio, é possível notar um avanço no que diz respeito à função social do ensino de línguas estrangeiras:

[...] deixa de ter sentido o ensino de línguas que objetiva apenas o conhecimento metalinguístico e o domínio consciente de regras gramaticais que permitem, quando muito, alcançar resultados puramente medianos em exames escritos. Esse tipo de ensino, que acaba por tornar-se uma simples repetição, ano após ano, dos mesmos conteúdos, cede lugar, na perspectiva atual, a uma modalidade de curso que tem como princípio geral levar o aluno a comunicar-se de maneira adequada em diferentes situações da vida cotidiana (BRASIL, 2000, p. 26).

No entanto, esse avanço não consegue se desprender, de certo modo, da situação de conformação explícita nos documentos específicos do Ensino Fundamental. Neste caso, tal sujeição se explica pela excessiva preocupação com o mercado, dando à língua estrangeira o caráter de competência, seguindo a lógica de preparação de indivíduos, pura e simplesmente, para a sua atuação no mercado de trabalho, sugerindo que:

Evidentemente, é fundamental atentar para a realidade: o Ensino Médio possui, entre suas funções, um compromisso com a educação para o trabalho. Daí não poder ser ignorado tal contexto, na medida em que, no Brasil atual, é de domínio público a grande importância que o inglês e o espanhol têm na vida profissional das pessoas. Torna-se, pois, imprescindível incorporar as necessidades da realidade ao currículo escolar de forma a que os alunos tenham acesso, no Ensino Médio, àqueles conhecimentos que, de forma mais ou menos imediata, serão exigidos pelo mercado de trabalho (BRASIL, 2000, p. 27).

Apesar do foco no atendimento direto de uma demanda mercadológica, é inegável os avanços preconizados nos documentos ao passar do Ensino Fundamental ao Médio, como por exemplo quando se defende que “não mais poderemos pensar, apenas, no desenvolvimento da competência gramatical: torna-se imprescindível entender esse componente como um entre os vários a serem dominados pelos estudantes” (BRASIL, 2000, p. 28).

Ademais, há a necessidade, portanto, de se compreender as competências da área de conhecimento de linguagens e suas tecnologias apresentadas na BNCC (Base Nacional Curricular Comum), em específico, as que dizem respeito ou podem ser associadas à língua inglesa, garantindo as seguintes competências.

- **Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais)** e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.
- **Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso**, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de

expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza.

- **Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais**, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- **Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas**, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas e de aprender a aprender nos campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 490, grifo nosso).

Percebe-se um avanço claro entre os PCNs e a BNCC, pelo menos no que se refere à abrangência das possibilidades didáticas da aplicação das competências. Especialmente a competência 7, que indica “mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas”, que pode aproximar as práticas da educação profissional e tecnológica.

Sabe-se que a direção apontada por documentos nem sempre reflete a prática escolar. No caso do inglês, não só há um problema relacionado à discrepância com os documentos, como também relacionado ao desconhecimento da identidade do ensino desta língua no contexto da escola básica (BALADELI, 2015). Os institutos privados de ensino de línguas, espalhados ao redor do país acabam por criar um contraste que influencia na percepção de alunos e até professores sobre qual o papel do ensino da língua inglesa na escola regular. Isso, sem dúvidas, influencia na construção da identidade profissional do professor, que:

[...] precisa constantemente justificar para seus alunos a relevância da disciplina de Língua Inglesa no currículo escolar e que mesmo não sendo possível (na maioria dos casos) o desenvolvimento da dimensão comunicativa o conhecimento de outras línguas e culturas contribui para a formação humana dos alunos (BALADELI, 2015, p. 14475).

Conclui-se, portanto, que o ensino da língua inglesa na educação básica, tanto referente aos documentos oficiais quanto à prática escolar de fato exercida, não contribui para a consolidação de uma prática educativa que possa fomentar o desenvolvimento de autonomia linguística por parte dos alunos, nem mesmo no aprimoramento da leitura (proposta dos PCNs do Ensino Fundamental) ou de habilidades almejadas pelo mercado (como propõem os PCNs do Ensino Médio).

Saindo do campo da educação básica, surge a modalidade de ensino de língua inglesa com fins específicos. Em comparação com os cursos de inglês geral, cujo

objetivo é o domínio da língua de modo amplo, podendo ser testado em qualquer exame globalmente, os cursos de Inglês Instrumental (*English for Specific Purposes* - ESP) objetivam preparar estudantes para executar tarefas específicas, ou um conjunto delas, relacionadas a contextos profissionais (RICHARDS, 2001, p. 33).

Romanowski (2017) explica que isso se dá porque as necessidades de um estudante de inglês geral, por exemplo: uma criança em idade escolar, não são especificáveis, enquanto que no caso de um curso de Inglês Instrumental, onde os alunos e professores sabem porque aprender inglês é necessário, essa consciência terá grande impacto no conteúdo do curso. Logo, infere-se que o que distingue um curso de Inglês Instrumental para um de Inglês Geral não é a não existência de uma necessidade, mas sim a percepção da necessidade (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 53).

No Brasil, no entanto, essa modalidade de ensino tem sido comumente associada ao ensino regular e a cursinhos preparatórios para concursos e outros tipos de testes, pois tem como principal objetivo ensinar técnicas de leitura e interpretação de textos. Isso se dá pela própria origem do ESP no Brasil, relatada por Celani *et al.* (1988) em livro avaliativo. Nesta obra, a pesquisadora e precursora do ESP no Brasil explica o processo de identificação de necessidade, que levou a uma pesquisa a partir dos alunos do Mestrado em Linguística Aplicada da PUC-SP e de outros departamentos de língua inglesa em todo o país. A associação à pós-graduação, a grande demanda e a falta de professores capacitados na área, foram alguns dos fatores que levaram a concepção dessa prática focada na leitura, compreensão e escrita de textos em inglês, que teve início ainda na década de 1970.

Mesmo com diferenças entre a concepção mais generalizada no Brasil e as práticas mundiais, o ESP tem sempre a sua essência marcada pela necessidade. Seja ela mais próxima de um contexto profissional ou acadêmico (que pode também ser entendido como profissional), entender quais as demandas/necessidades dos alunos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são fundamentais.

Devido à centralidade da categoria “necessidade” nos cursos de Inglês Instrumental, o principal instrumento de coleta de dados é o que nesse âmbito se convencionou chamar de *Needs Analysis* (Análise de Necessidades). O *Needs Analysis* é na verdade a característica que define o LSP - *Language for Specific Purposes* (SONGHORI, 2008; BASTURKMEN, 2010), o. Iwai *et al.* (1999) explicam que o termo *Needs Analysis* geralmente se refere às atividades envolvidas na coleta

de informação que servirá como base para o desenvolvimento de uma proposta curricular que atenderá as necessidades de um grupo particular de alunos.

Assim sendo, ao reconhecer a importância e adequação da aplicação de tal procedimento, é preciso explicar que o objetivo desse tipo de análise não é apenas coletar informações. Como explica Romanowski (2017): “o poder do *Needs Analysis* não se dá em simplesmente coletar dados, mas sim na interpretação e uso destes” (p. 149, tradução nossa). Belcher (2009) indica que o objetivo do *Needs Analysis* é coletar e examinar informação sobre a situação atual, por exemplo, que habilidades e conhecimentos os alunos têm antes do curso começar, e a situação almejada, que é onde eles gostariam de estar ao fim do curso.

Outra etapa importante e que precede a aplicação desse instrumento de pesquisa, é a preparação do próprio professor ou aplicador do questionário por meio de estudo. Romanowsky (2017, p.149) explica que é dever do professor buscar informações a respeito da empresa ou público-alvo do curso, ou até mesmo pesquisa bibliográfica, se preciso for, para que a prática de ensino seja feita de modo otimizado e mais próximo das demandas dos alunos.

Em relação aos tipos de necessidades, diferentes autores trazem terminologias diversas, como Brindley (1989) que define as necessidades como “objetivas” ou “subjetivas”; Berwick (1989) que as entende como “percebidas” ou “sentidas”; Brindley (1989) também usa conceitos como “situação almejada/necessidades focadas em objetivos” e “focadas em aprendizado”, “no processo” e “focadas no produto”. E ainda, Hutchinson & Waters (1987) que usam as terminologias “necessidades”, “anseios” e “carências” (ROMANOWSKY, 2017).

Para melhor entendimento destes conceitos, Romanowski (2017) sugere a classificação em três grupos: 1) Necessidades objetivas e percebidas: são sugeridas por outros, como colegas, professores e subsidiários do curso, a partir de fatos, por exemplo, habilidade de seguir instruções de forma precisa ou de participar em negociações com parceiros estrangeiros; 2) Necessidades subjetivas ou sentidas: são as que representam a perspectiva interna dos estudantes e correspondem a fatores cognitivos e afetivos, por exemplo, se sentir confiante ou melhorar a gramática e a fala; 3) Necessidades focadas no produto, que se originam no objetivo ou situação almejada, ao passo que necessidades focadas no processo surgem da situação do aprendizado em si.

A análise dos dados também pode ser separada em três grupos: *Target*

Situation Analysis (TSA) ou Análise da Situação Almejada; *Present Situation Analysis* (PSA) ou Análise da Situação Presente; e *Learning Situation Analysis* (LSA) ou Análise da Situação de Aprendizado. A TSA abrange (1) necessidades: o que o aluno tem que saber para que atue efetivamente na situação almejada, (2) carências: a discrepância entre a necessidade e o que o aluno já sabe, (3) anseios: o que o aluno realmente quer aprender ou acredita que precisa (HUTCHINSON & WATERS, 1987; SONGHORI, 2008).

Sobkowiak (2008) percebe que a PSA avalia pontos fortes e fracos na língua, habilidades e experiências de aprendizado, enquanto a LSA procura resposta para as questões: quem são os alunos; porque eles decidiram fazer o curso; quais são as suas preferências em termos de estilos, estratégias e técnicas de aprendizado. Mais especificações das diferenças estão descritas nos procedimentos metodológicos desse trabalho.

De acordo com Dudley-Evans e St. John (1998, p.132), as principais fontes para uma *Needs Analysis* podem ser as seguintes: alunos, pessoas trabalhando ou estudando na área, ex-alunos, documentos relevantes para a área, clientes, empregadores, colegas, pesquisa em Inglês Instrumental na área.

E, complementam que os dados podem ser coletados utilizando vários métodos, como: questionários e listas, entrevistas estruturadas, observações, análise de material escrito ou falado autêntico, discussões, avaliações.

Assim sendo, entende-se que o *Needs Analysis* é um instrumento importante não só para a prática educativa como também para a pesquisa no âmbito do ESP, e vai muito além de uma entrevista informal ou aplicação de questionário previamente à realização do curso. Isso se dá, em parte, porque o professor que atua nessa área naturalmente realiza um trabalho de pesquisa.

Antes que um instrutor aborde os alunos, ele deve fazer uma revisão de literatura, buscar informações e materiais disponíveis para obter algum conhecimento preexistente sobre a empresa ou ambiente de trabalho dos alunos futuros, levando o professor a: saber que perguntas fazer, não desperdiçar o tempo dos alunos, aparentar mais profissionalismo, e saber como analisar os dados (ROMANOWSKI, 2017, p. 149, tradução nossa)

Desse modo, entende-se que todo professor é também pesquisador, e que seu processo de pesquisa culminará com a melhor execução de seu trabalho e melhor direcionamento de seus alunos, seja qual for seu contexto profissional ou acadêmico.

O ensino da língua inglesa para o Turismo se enquadra no universo do ESP.

Falar inglês para o trabalhador desse setor tem papel fundamental e ajuda a Indústria do Turismo como meio de comunicação, negociação e para a execução de operações financeiras entre turista e profissional da área (PRACHANANT, 2012). Logo, uma prática educativa baseada no ESP terá que, minimamente, levar em consideração a necessidade evidente que a área sugere.

No entanto, caso o professor não tenha em mente o fenômeno de expansão imperialista através da difusão do inglês, pode acabar executando uma prática que apenas se conforma ao contexto neoliberal em que o mundo se torna gradativamente mais anglófono através da mercantilização do inglês (NASCIMENTO, 2018), buscando atender apenas as necessidades em termos mercadológicos. Dito isto, torna-se questão central entender quais seriam as necessidades envolvidas na utilização da língua inglesa pelos profissionais do turismo.

Prachanant (2012) conduziu um estudo com 40 trabalhadores da área e que atuam em cinco empresas internacionais de turismo e passeios localizadas na Tailândia. Em relação às quatro habilidades linguísticas, a habilidade de fala foi eleita a mais necessária, seguida de escuta, leitura e, por último, escrita. Em relação a funções comunicativas, a função que se sobressaiu com 33,33% de frequência foi a de “dar informações”, seguida de “prestar serviços” (22,50%) e “oferecer ajuda” (19,17%). As demais funções não tiveram mais de 13% de frequência, sendo elas “solicitar cooperação”, “responder perguntas e solucionar problemas” e “conversas gerais”.

Dentre os problemas mais comuns citados pelos entrevistados no estudo de Prachanant (2012) se destacaram: a “dificuldade em entender sotaques estrangeiros” (65% de frequência), seguido de “turistas falam muito rápido” (22,50% de frequência). Os dois outros problemas “não conseguir entender o significado de uma palavra” e “não ter a oportunidade de ouvir inglês” tiveram 7,5% e 5% de frequência respectivamente.

Já em relação à utilização da língua falada, os profissionais relataram ter como principal problema o “uso de palavras e expressões inadequadas” com 52,50% de frequência. Outro grande problema identificado foi a “falta de conhecimento de gramática e estrutura” com 30% de frequência. Os dois outros problemas “não saber pronunciar palavras e expressões corretamente” e a “falta de confiança ao falar” ficaram com apenas 5% e 10% respectivamente.

Quanto aos problemas relacionados à leitura foram elencados os seguintes: ter

vocabulário inadequado na leitura (45%); incapacidade de entender vocabulário (25%); leitura de textos muito longos (17,50%); e leitura de textos não-familiares (12,50%).

A conclusão do estudo de Prachanant (2012) sugere que, devido aos altos investimentos na área de turismo na Tailândia, as quatro habilidades foram apontadas como muito necessárias pelos participantes, o que indica que isso varia de acordo com a região em que o profissional atua. Regiões com menos investimento no setor podem não exigir um domínio tão global da língua. No entanto, o fato de que fala e escuta terem conseguido as maiores pontuações, confirmam a tendência de se precisar mais da língua num contexto de comunicação oral imediata. A supremacia da fala também tem a ver com as funções normalmente desempenhadas por esses profissionais que são de guiar, acompanhar, interagir e se comunicar com turistas.

No entanto, é preciso salientar que, para outros setores do turismo, como o da hospedagem, algumas dessas funções podem não ser tão presentes, como a de guiar e acompanhar, tendo sua ocorrência regulada pelo acaso e não pelas funções previstas para o cargo (BRASIL, 2012). De modo geral, tanto no que se refere às funções comunicativas como aos problemas encontrados no setor, é possível afirmar que estão estes, em sua quase totalidade, relacionados às habilidades de fala e escuta e que, por isso, podem ser generalizadas para o setor de turismo (especificamente na área de prestação de serviços) como um todo.

Diante do exposto, percebe-se que o ensino da língua inglesa para trabalhadores do turismo deve atentar bem às suas demandas, sobretudo na parte de comunicação oral, entendimento da diversidade linguística e exposição à diversificado vocabulário, especialmente aquele que será utilizado no seu ambiente de trabalho. Todo esse processo deve ser alicerçado em uma prática que respeite as características regionais sem se sujeitar aos processos de aculturação por meio da difusão linguística. Desse modo, o trabalho se desenvolverá para além da comum servidão ao mercado, mas também como prática que transforma o próprio trabalhador na medida em que esse transforma o mundo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção será apresentado o percurso metodológico da pesquisa, cuja finalidade se concretiza através da interpretação detalhada dos caminhos seguidos quando da formulação e desenvolvimento dos objetivos da investigação, como também as questões éticas que envolvem a pesquisa.

A presente pesquisa tem abordagem qualitativa é de natureza aplicada porque “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos” (GIL, 2008, p. 27) e usa método indutivo, “pois partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 86).

Defende-se a identificação dessa pesquisa como qualitativa, de forma proposital e busca-se o distanciamento da influência, aqui entendida como prejudicial, do positivismo no campo das ciências sociais, como aponta Triviños (1987). Pensar educação é pensar para além dos números, tendo em vista que “o ensino sempre se caracterizou pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se frequentemente através de medições, de quantificações” (TRIVIÑOS, 1987, p.116).

Segundo Silva e Menezes:

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e atribuição de significados são básicos no processo qualitativo. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA, MENEZES, 2000. p. 20).

Ainda pautado no pressuposto que preside tal escolha, tem-se por alicerce também Strauss e Cobin (2008, p.23), que apontam que “a pesquisa qualitativa produz resultados não alcançados através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação, principalmente, quando se quer retratar experiências vividas, comportamentos, emoções e sentimentos”. No entanto, ainda segundo os autores, numa pesquisa qualitativa alguns dados podem ser quantificados, mas a análise é majoritariamente interpretativa.

Quanto aos objetivos, a pesquisa se desenvolve de forma descritiva. Gil (2008), ao se referir à pesquisa descritiva, a identifica como “pesquisas que têm por objetivo

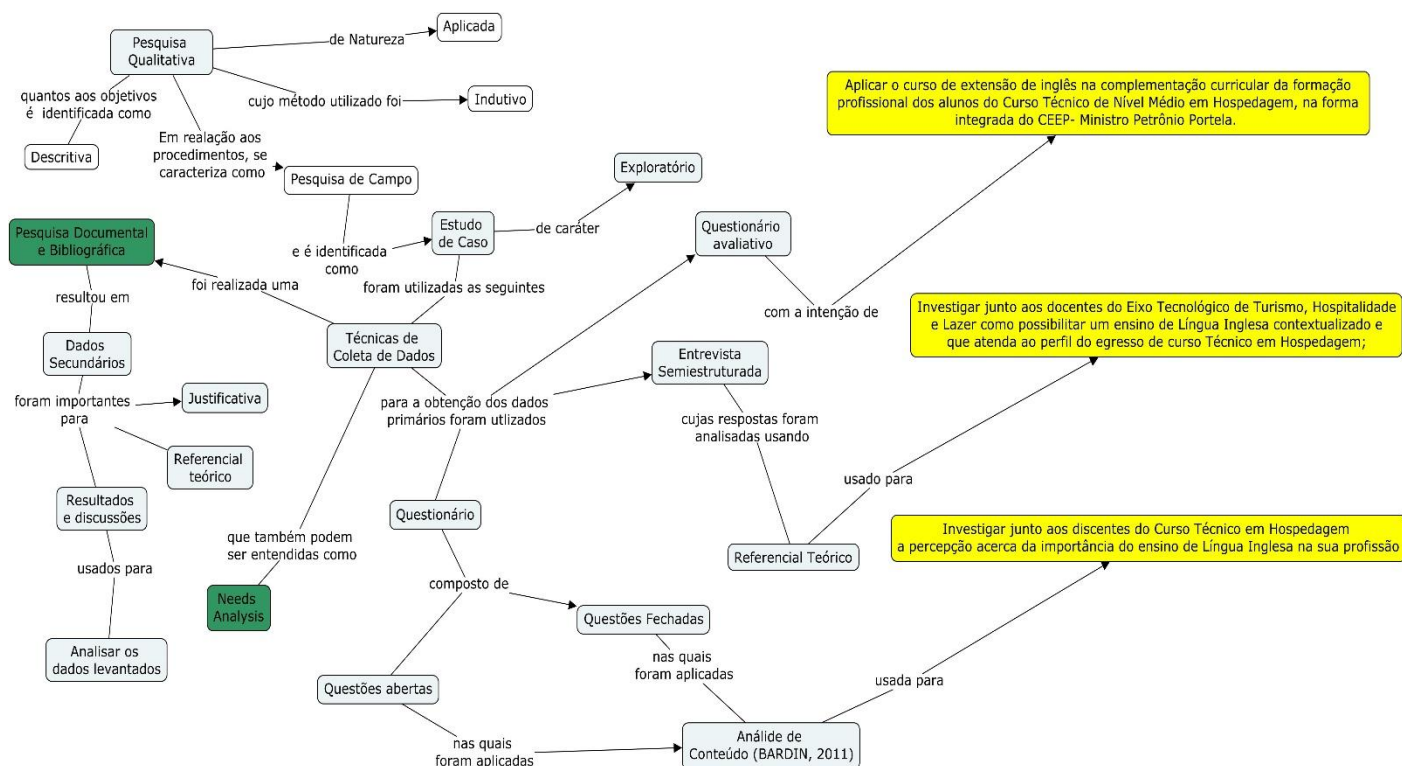
levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população” (p. 28). As ações propostas nesse trabalho possibilitaram levantar informações sobre o que acham, como agem e o que acreditam os alunos do curso técnico em hospedagem que está na área de turismo em relação ao ensino da língua inglesa, sobretudo no que se refere às necessidades.

Em relação aos procedimentos, a pesquisa de campo encarna de forma mais precisa as atividades de investigação aqui propostas. Para esse tipo de pesquisa, busca-se coletar informações sobre um problema, uma hipótese ou novos fenômenos e suas relações a partir de um contexto, um “campo”. Marconi; Lakatos (2003) explicam que a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los” (p. 186).

Dentro do estudo de campo, essa pesquisa é identificada como um estudo de caso, pois “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados” (GIL, 2008, pp. 57-58).

Para uma melhor visualização da relação entre objeto da pesquisa, objetivos e instrumentos de investigação é apresentado o mapa conceitual abaixo (Figura 1).

Figura 1 – Mapa conceitual da Metodologia da Pesquisa



3.1 Delimitação espacial e temporal da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida no Curso Técnico de Nível Médio em Hospedagem, na forma integrada, do eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer que é ofertado pelo Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) – Ministro Petrônio Portela, no município Parnaíba (PI). A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2021.

3.2 Descrição dos participantes da pesquisa

A investigação foi desenvolvida com os seguintes participantes: a) 34 alunos do Curso Técnico de Nível em Hospedagem, na forma integrada, de séries distintas; b) 06 docentes da área tecnológica, que atuam no curso.

De acordo com Dudley-Evans e St. John (1998, p.132), as principais fontes para uma *Needs Analysis* podem ser as seguintes: alunos, pessoas trabalhando ou estudando na área, ex-alunos, documentos relevantes para a área, clientes, empregadores, colegas, pesquisa em Inglês Instrumental na área.

A escolha dos alunos se deu pela contribuição referente as suas opiniões a respeito do que eles esperam da disciplina Língua Inglesa enquanto alunos de um curso que os formará para serem profissionais que, provavelmente, precisarão de uma língua estrangeira no exercício da profissão. Ressalta-se que esses alunos tiveram ou estão tendo a disciplina de Inglês no primeiro ano, conforme a Matriz Curricular (ANEXO A).

Já os professores do Eixo Tecnológico têm o conhecimento específico da área em que atuam, entendem de forma mais aprofundada as vivências e a realidade concreta que espera os futuros alunos e por isso podem contribuir significativamente para o entendimento das necessidades envolvidas nesse campo. O termo utilizado para identificar os professores participantes dessa pesquisa será “Entrevistado” ou “Entrevistada”, seguido da numeração referente à ordem das entrevistas.

3.3 Instrumentos de coleta de dados da pesquisa

No contexto da presente investigação, considerou-se que o uso de questionários como instrumentos de investigação se revestia de grande importância

para recolher informações, em distintos momentos da pesquisa. O questionário foi aplicado juntos aos alunos do curso e nele foram abordados aspectos referentes ao *Needs Analysis* (APÊNDICE A).

O questionário foi composto de questões abertas e fechadas. As questões fechadas foram de múltipla escolha com mostruário e de estimação (LAKATOS E MARCONI, 2003). As abertas se justificam pelo fato de se tratar de um questionário de teor subjetivo e, por isso, questões desse tipo favorecem a explicitação da subjetividade dos participantes da pesquisa.

As questões foram divididas em três seções: *Target situation analysis* (TSA) ou Análise da situação almejada; *Learning situation analysis* (LSA) ou Análise de situação de aprendizado; e *Present situation analysis* (PSA) ou Análise da situação atual (HUTCHINSON & WATERS, 1987). O questionário foi inspirado no questionário sugerido por Romanowski (2017) e não foi avaliado por pares nem passou por pré-teste.

No caso desse trabalho, sobretudo por se situar no espectro do ESP, o questionário serviu para compreender as necessidades dos alunos do curso técnico em hospedagem e, portanto, foi a base para a elaboração do Produto Educacional juntamente com a análise da Matriz Curricular do Curso em questão (ANEXO A), disponível no site oficial da escola, e a pesquisa bibliográfica e documental, que não só são comuns à toda pesquisa científica, como também fazem parte do próprio *Needs Analysis* (DUDLEY-EVANS; ST. JOHN, 1998, p.132).

O questionário foi encaminhado aos alunos tendo como critério de inclusão todos aqueles que aceitem participar, voluntariamente, do estudo. Devido a pandemia do coronavírus, pelo fato de as aulas presenciais terem sido suspensas, o processo de coleta dos dados se deu por meio remoto, com a utilização de aplicativo de envio de mensagens (*Whatsapp*) ou e-mail para encaminhar o questionário que foi formatado dentro do aplicativo de gerenciamento de pesquisa *Google Forms*.

O formulário feito no *Google Forms* explicitou os objetivos da pesquisa e os critérios éticos (anonimato e sigilo) a todos os alunos, e em seguida disponibiliza o questionário a ser respondido. O pesquisador aguardou em média 10 (dez) dias para que seja respondido o questionário. Após esse prazo, o instrumento de coleta foi reenviado ratificando a importância da participação na pesquisa junto aqueles que não o devolveram e, passado mais 10 (dez) dias, serão analisados os questionários que foram devolvidos. Um vídeo explicativo foi gravado e enviado aos alunos, para que

houvesse maior adesão com o esclarecimento do teor da pesquisa sendo feito pelo próprio pesquisador. Ao final, 34 alunos responderam ao questionário.

O segundo instrumento metodológico foi uma entrevista semiestruturada que foi aplicada juntos aos docentes da área tecnológica do curso. Esse tipo de entrevista foi escolhido pois “o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão” (LAKATOS, 2003, p.197).

A entrevista foi agendada com os professores que se dispuseram a participar da pesquisa e foi aplicada online por meio de plataforma de vídeo conferência (*Google Meet*). Inicialmente, a direção da escola foi acionada, para que esta fizesse o primeiro contato com os professores, para que uma pessoa com mais proximidade e familiaridade com os entrevistados esclarecesse de modo inicial a importância da pesquisa, o que não exclui a ratificação dessa informação pelo pesquisador. Do mesmo modo, foram enviados os primeiros convites para participar da entrevista e, após 10 (dez) dias, mais um convite foi enviado para os que ainda não aceitaram ou não fizeram a entrevista possam ser mais uma vez lembrados. Um terceiro convite foi enviado 10 (dez) dias após o segundo, de modo que, ao final desse processo, um total de 6 professores participaram das entrevistas.

De posse dos dados, foram aplicadas técnicas de Análise de Conteúdo, baseando-se em Laurence Bardin (2011) como referência principal para a análise do material coletado. A Análise de Conteúdo é composta por um conjunto de técnicas de análise visando:

[...] por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens (BARDIN, 2011, p. 21).

A análise dos dados seguiu a orientação tradicional da Análise de Conteúdo, dividida em três partes: pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Na pré-análise foi feita investigação exploratória, que parcialmente aconteceu desde o primeiro semestre do programa, por meio de observação, reunião de documentos oficiais, como a matriz curricular no Anexo A, estudo de referencial teórico nas áreas de educação e trabalho, inglês instrumental e turismo, e aplicação dos questionários e entrevistas.

Na fase de descrição analítica, as informações levantadas foram codificadas,

classificadas e categorizadas, orientando-se pelo referencial teórico e pelos pressupostos teóricos da pesquisa, buscando achar coincidências, divergências e aspectos “neutros” (que não estejam relacionados a alguma teoria). Por último, na interpretação referencial, executou-se uma reflexão mais aprofundada, relacionando os dados empíricos e os dados teóricos à realidade e social mais ampla, levando a “propostas básicas de transformações nos limites das estruturas específicas e gerais” (TRIVIÑOS, 1987, p.162).

A análise de dados foi apenas aplicada aos questionários. Para a entrevista, foram feitas inferências baseadas no referencial teórico levantado ao longo dessa pesquisa, sem que houvesse a necessidade de codificar e categorizar os resultados.

3.4 Questões éticas da pesquisa

Antes do início da coleta dos dados esse projeto foi submetido ao Conselho de Ética, que julgou cabíveis os métodos e técnicas explicitados aqui. Os participantes da pesquisa foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, a partir da apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para estudantes ou responsáveis maiores de 18 anos e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para menores de 18 anos, elaborados pelo pesquisador, em linguagem acessível, reconhecendo o participante da pesquisa como ser autônomo e melhor defensor de seus interesses, conforme Apêndices B, C e D.

Para o participante da pesquisa, levantaram-se os seguintes riscos: a) Invasão de privacidade; b) Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE ou TALE); c) Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário ou entrevista; d) não entender as perguntas ou sentir-se constrangido ou desconfortável. Para contornar essas possíveis situações, foram adotadas as seguintes cautelas e medidas: a) Garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; b) Minimização de desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; c) Atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; d) Garantia de não violação e de integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); e) Confidencialidade e privacidade, proteção da imagem e não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima ou de prestígio econômico ou financeiro; h) Garantia de acesso da população do estudo aos resultados e produtos da pesquisa

de cunho apenas acadêmico; i) Suspensão imediata do estudo ao perceber algum risco ou danos à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento ou assentimento; j) Os pesquisadores utilizarão palavras simples para facilitar as perguntas; l) O participante poderá retirar seu assentimento ou consentimento, bem como deixar a pesquisa, a qualquer tempo, sem nenhum tipo de ônus para si e sem prejuízo dos cuidados garantidos pelos pesquisadores.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados coletados nessa pesquisa se orientou, principalmente, pelo trabalho de Laurence Bardin com a metodologia de Análise de Conteúdo. Por isso, essa seção será dividida em três partes: pré-análise (exploração do material e o tratamento dos resultados), inferência e interpretação dos dados (BARDIN, 2016).

A fase de pré-análise é dividida em três missões. A primeira, diz respeito à seleção dos documentos. Em específico, para esta pesquisa, apenas serão analisados os dados coletados por meio de questionário enviado aos alunos do curso técnico em hospedagem e das entrevistas realizadas com os seis docentes do eixo tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. Ambos os instrumentos foram elaborados seguindo os preceitos do Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes*), com o intuito de realizar uma Análise de Necessidades (*Needs Analysis*).

A segunda missão da primeira etapa da pré-análise é a formulação das hipóteses e dos objetivos. Os objetivos, como já mencionados na introdução deste trabalho, foram investigar junto aos discentes do Curso Técnico em Hospedagem a percepção acerca da importância do ensino de Língua Inglesa na sua profissão; e investigar junto aos docentes do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer como possibilitar um ensino de Língua Inglesa contextualizado e que atenda ao perfil do egresso de curso Técnico em Hospedagem. De modo complementar, as hipóteses são “qual a percepção da importância da língua inglesa para os alunos do curso técnico em hospedagem, sobretudo em relação à futura profissão exercida?” e “como desenvolver práticas de ensino de língua inglesa de forma mais contextualizada e que se aproxime do perfil do egresso do curso Técnico em Hospedagem?”.

Por último, é necessária a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. Os principais índices dessa análise são Necessidade, Trabalho e Educação. Os índices surgem da frequência em que palavras codificadas convergem para estes.

Por exemplo: a categoria “Necessidade Profissional” aparece diversas vezes durante a análise das respostas dos questionários e das entrevistas. Outra categoria que foi recorrente foi o de “Aperfeiçoamento Pessoal”. Estas duas categorias são complementares e às vezes antagônicas, e, como vemos, foram geradas a partir da codificação das respostas encontradas durante a aplicação dos instrumentos de pesquisa. Outros exemplos de categorias que podemos citar são “Empregabilidade”,

“Língua Inglesa”, “Cultura”, “Entretenimento”, etc.

Primeiramente, nos debruçamos sobre os dados gerados pela aplicação dos questionários com os alunos do curso técnico em hospedagem do CEEP – Ministro Petrônio Portela. O questionário foi dividido em três partes: Target situation analysis (TSA) ou Análise da situação almejada; Learning situation analysis (LSA) ou Análise de situação de aprendizado; e Present situation analysis (PSA) ou Análise da situação atual (HUTCHINSON & WATERS, 1987).

A TSA abrange (1) necessidades: o que o aluno tem que saber para que atue efetivamente na situação almejada, (2) carências: a discrepância entre a necessidade e o que o aluno já sabe, (3) anseios: o que o aluno realmente quer aprender ou acredita que precisa (HUTCHINSON & WATERS, 1987; SONGHORI, 2008). A PSA é uma fotografia da situação presente do participante da pesquisa (o aluno). Ela avalia pontos fortes e fracos na língua, habilidades e experiências de aprendizado.

A escolha do questionário se deu principalmente pelo menor nível de maturidade dos alunos, o que poderia gerar problemas em relação a entrevista com perguntas abertas.

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois de preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo. (LAKATOS; MARKONI, 2003, p. 201)

Por já ter perguntas definidas e, em alguns casos, com repostas limitadas, os alunos tem maior facilidade em organizar seus pensamentos para responder às perguntas. No caso desse questionário em específico, ele foi enviado pela internet, utilizando a plataforma *Google Forms*, que gerou um relatório quanti-qualitativo, com as respostas dos alunos para perguntas abertas e fechadas. A escolha desta plataforma se deu, principalmente, pela situação da pandemia do coronavírus.

A primeira pergunta do questionário diz respeito a quais habilidades os participantes da pesquisa gostariam de desenvolver na língua inglesa. Em uma pergunta fechada em que eles poderiam selecionar mais de uma opção, os resultados foram os seguintes:

- 31 pessoas diferentes responderam que gostariam de desenvolver a habilidade de FALA, o que representa 91,2% do total.
- 21 pessoas diferentes responderam que gostariam de desenvolver a habilidade de ESCUTA, o que representa 61,8% do total.
- 24 pessoas diferentes responderam que gostariam de desenvolver a habilidade de ESCRITA, o que representa 70,6% do total.

- 22 pessoas diferentes responderam que gostariam de desenvolver a habilidade de LEITURA, o que representa 64,7% do total.

Deste modo, as habilidades de *output* (fala e escrita) se destacaram com as duas maiores porcentagens, o que indica maior percepção de necessidade em relação ao expressar-se na língua inglesa. A habilidade de leitura ainda atingiu porcentagem maior que a escuta, o que talvez possa indicar que a utilização da leitura em sala de aula, ou para a realização de provas, algo que já era indicado nos PCNs do Ensino Fundamental (BRASIL, 1999), é, mesmo que em menor escala, percebido também como necessidade. Apesar de a habilidade de escuta ter ficado em último lugar no ranking das porcentagens, é preciso ressaltar que todas as habilidades conseguiram números maiores que 50%, o que mostra que os alunos têm percepção de que todas as habilidades são importantes para as suas vidas, sejam elas em contexto profissional ou não.

Na segunda pergunta, ao serem questionados sobre quão necessário eles acreditam que será o inglês em suas vidas como profissionais da área de turismo, os participantes da pesquisa ofereceram as seguintes respostas:

- 19 participantes (55,9%) acreditam que o inglês será extremamente necessário.
- 9 participantes (26,5%) acreditam que o inglês será muito necessário.
- 4 participantes (11,8%) acreditam que o inglês será necessário.
- 2 participantes (5,9%) acreditam que o inglês será pouco necessário.
- 0 participantes (0%) acreditam que o inglês será desnecessário.

É possível observar que mais da metade dos participantes entendem que o inglês é extremamente necessário para as suas vidas profissionais, o que pode ser considerado número bem expressivo. Ao acrescentar os participantes que acreditam que o inglês é muito necessário, temos um número ainda mais surpreendente: 28 participantes (82,4%) acreditam que o inglês é muito ou extremamente necessário. Apenas uma porcentagem muito reduzida, de 5,9% do total acreditam que o inglês é pouco necessário, sendo que nenhum participante acredita que o inglês é desnecessário. Essa tendência indica que os alunos tem suas percepções alinhadas com as pesquisas na área, que assinalam que o inglês é uma ferramenta crucial para a comunicação na comunidade global e uma necessidade e uma obrigação (PRACHANANT, 2012; JOSEPH E MUNGHATE, 2012; IRIMIEA, 2018).

Ao serem perguntados sobre as possíveis situações que eles poderão precisar do inglês em suas futuras profissões relacionadas ao setor do turismo, os participantes

da pesquisa ofereceram respostas variadas, que foram codificadas e categorizadas. De modo geral, as respostas convergiram para duas principais categorias: a da Necessidade Profissional e a do Aperfeiçoamento Pessoal, sendo a primeira a que teve maior expressividade. Com respostas como “A atender um turista que fala outra língua.” (Necessidade Profissional) e “Quando tiver em outro país” (Aperfeiçoamento Pessoal), podemos resumir os resultados em:

- 22 respostas (66,66%) convergiram para situações que envolvem diretamente uma Necessidade Profissional do participante da pesquisa.
- 10 respostas (30,30%) convergiram para situações que envolvem alguma forma de Aperfeiçoamento Pessoal, sendo este, às vezes, gerador de benefício profissional, ou puramente para fins de lazer ou satisfação pessoal.
- 1 participante (3,03%) não soube responder a pergunta e 1 (3,03%) respondeu em branco.

Isso quer dizer que mais da metade dos participantes da pesquisa está consciente de que aprender inglês é uma necessidade profissional. Parte considerável dos participantes também tem apreço pela língua inglesa, seja ela sinônimo de algum benefício material/profissional ou não. Tais considerações vão de encontro ao que se é estudado e afirmado sobre a língua inglesa enquanto meio de transmissão do conhecimento e, portanto, veículo de aprimoramento pessoal ou profissional.

O inglês é a via de grande parte do conhecimento do mundo, principalmente em áreas como ciência e tecnologia. E acesso ao conhecimento é a ocupação da educação. Quando investigamos porque muitas nações tornaram, nos anos recentes, o inglês uma língua oficial ou o escolheram como a principal língua estrangeira nas escolas, uma das mais importantes razões é sempre educacional – no seu sentido mais amplo (CRYSTAL, 2003, p. 110, tradução nossa).

Ao serem perguntados se eles creem que o inglês é necessário na região geográfica em que vivem ou apenas em outras regiões, os participantes responderam da seguinte forma:

- 33 participantes (97,1%) responderam que é necessário em qualquer região, pois sempre há demanda por inglês no turismo.
- 1 participante respondeu que é necessário apenas em outros contextos com demanda específica.

Apesar de nenhum participante ter respondido “na minha região, pois há demanda específica”, entende-se que esta ideia está contemplada na resposta da maioria, pois se em qualquer região o inglês é necessário, a região em que vivem os participantes está inclusa. Deste modo, entende-se que a vasta maioria dos participantes entende que o inglês pode, potencialmente, ter demanda em qualquer

região do planeta.

Vale ressaltar que a região em que os participantes vivem tem como principal atrativo o turismo de sol e praia (PEREIRA *et al.*, 2011), e este é o maior motivo de viagens a lazer de turistas estrangeiros em nosso país (BRASIL, 2018). Assim sendo, é possível concluir que esta região tem demanda em relação ao uso da língua inglesa, ou pelo menos tem um grande potencial de atrair turistas de origem estrangeira, apesar de, nas palavras de um trabalhador do turismo dessa região, “o fluxo turístico em Parnaíba principalmente aqui do litoral, Luís Correia ele é muito motivado mais pelo turismo local aqui do estado, como Teresina” (ARAUJO *et al.*, 2020).

Sobre que tipo de diferencial o aprendizado da língua inglesa poderá proporcionar, os participantes responderam da seguinte forma:

- 19 participantes (55,9%) acham que conseguirão acessar maior quantidade de conhecimentos (científicos ou não)
- 8 participantes (23,5%) acham que conseguirão um emprego melhor por causa do inglês.
- 3 participantes (8,8%) acham que garantirão ao menos ter um emprego.
- 2 participantes (5,9%) acham que não vai fazer tanta diferença assim.
- 1 participante (2,9%) respondeu que o inglês poderá proporcionar “comunicação com o turista que vem de fora, e assim receber ele bem”.
- 1 participante (2,9%) respondeu que o inglês será usado “em momentos de precisão, que eu tenha que usar a língua inglesa”.

É possível afirmar que o inglês, apesar da grande importância profissional para os estudantes do curso técnico em hospedagem, também é entendido por estes como ferramenta científica, no seu sentido mais amplo, como linguagem que dá acesso à diferentes tipos de conhecimentos, algo que pode estimular a utilização da pesquisa como princípio pedagógico (SILVA; FIORI, 2021) através do inglês. Mais da metade dos participantes conseguiram vislumbrar esse benefício resultante do aprendizado da língua inglesa.

No entanto, não podemos ignorar que parte considerável dos participantes está inclinado e enxergar o inglês também como ferramenta profissional, isso é, além dos oito participantes que acreditam que conseguirão emprego melhor e dos 3 participantes que acham que o inglês garantirá algum emprego, tanto o participante que mencionou a comunicação com o turista que vem de fora como o participante que mencionou a utilização da língua em momentos de precisão se referem a situações relacionadas ao exercício da profissão, o que gera número total de 13 participantes (38,23%). Estas respostas confirmam a hipótese levantada na terceira questão

corroborada por Crystal (2003) de que o inglês é grande motor de transferência de conhecimento científico e tecnológico.

Ao serem perguntados se eles acreditam que estudar inglês garante melhores oportunidades profissionais, e de que modo isso é garantido, os participantes deram respostas variadas, mas que convergiram para, pelo menos, duas categorias. Por exemplo: um dos participantes respondeu “sim, saber outra língua por exemplo dá um valor maior ao funcionário”, o que revela preocupação maior com a Necessidade Profissional para qual o inglês pode vir a servir.

É possível citar outras respostas com o mesmo teor como “sim por que com o ensino médio completo temos garantia em uma empresa”, ou “com certeza, pois o mercado de trabalho é super disputado e qualquer especialização já aumenta a chance de conseguir um bom emprego”. Numa outra perspectiva, temos, por exemplo, a resposta de que “sim, para melhorar o conhecimento”, ou “sim, com conhecimento a gente vai além”, que demonstram atenção o caráter de Aperfeiçoamento Pessoal da língua, não necessariamente vinculado a um benefício profissional.

Alguns alunos parecem enxergar a língua inglesa não apenas como ferramenta de conformação ao mercado ou mera parte do processo de instrução. Saviani (2003, p. 138) explica que a ensino para a instrução determina que “os trabalhadores têm de dominar aquele mínimo de conhecimentos necessários para serem eficientes no processo produtivo, mas não devem ultrapassar este limite”. Por conseguinte, essas respostas menos voltadas ao mercado podem apontar caminho para a superação dessa educação imediatista e utilitária, o que se liga diretamente à própria essência da Educação Profissional e Tecnológica.

Entender as bases ontológicas, epistemológicas e *práticas* da EPT implica reconhecer a necessidade de implementar uma formação profissional que ultrapasse a mera transmissão de conhecimentos e técnicas. Formar o homem que trabalha não se resume a transmitir saberes relacionados ao exercício de determinada profissão: é potencializá-lo para que possa, a partir do próprio trabalho, construir as condições necessárias para sua existência, de forma consciente, criativa e livre, sendo capaz de participar ativamente da transformação, pela raiz, de uma das sociedades mais desiguais do mundo (OLIVEIRA; FRIGOTTO, 2021, p. 24).

Logo, percebe-se que alguns alunos, mesmo que uma minoria, conseguiram pensar a língua inglesa como ponte para uma educação menos direcionada ao capital.

Em relação aos números, 22 participantes entenderam o inglês como garantia de melhores oportunidades profissionais e relataram algum tipo de necessidade profissional, o que equivale a 64,7% do total. Em segundo lugar, oito participantes

entenderam a língua inglesa mais como uma forma de aperfeiçoamento pessoal, o que significa uma porcentagem de 23,52%. Apenas quatro respostas ficaram sem categoria, sendo elas apenas afirmativas, ou afirmativas sem uma explicação específica ou detalhada, o que dá um total de 11,76% da amostra. Nenhum participante ofereceu resposta negativa.

Concluindo a TSA, passamos para a LSA, ou Learning Situation Analysis. Nessa parte do questionário, será possível averiguar mais a fundo quem são os alunos desse curso, porque eles decidiram fazer o curso e quais são as suas preferências em termos de estilos, estratégias e técnicas de aprendizado. (SOBKOWIAK, 2008). Ao conhecer o perfil do aluno, suas motivações e preferências de aprendizagem, saberemos melhor quem é este sujeito que será visto como protagonista de seu aprendizado, já que “a pessoa, no processo de aproximação aos objetos da cultura, utiliza sua experiência e os instrumentos que lhe permitem construir uma interpretação pessoal e subjetiva do que é tratado” (ZABALA, 1998).

Ao responderem à pergunta “Por que você estuda inglês?”, 18 participantes (52,9%) justificaram que o inglês é “obrigatório e necessário”. 11 alunos (32,4%) disseram que estudam inglês porque é “obrigatório, necessário e porque eu gosto”. Os outros cinco alunos restantes responderam cada um de uma forma diferente, o que equivale a 2,9% para cada participante.

As respostas foram: 1. “eu preferia estudar outra língua ou não estudar línguas estrangeiras”, 2. “neste momento não estudo inglês, mas quando eu estudava era porque era obrigatório e porque eu queria aprender”, 3. “Porque é necessário para o meu desenvolvimento no estudo e o inglês é uma língua bastante recorrida na área do turismo e em outras também”, 4. “eu gosto muito da língua inglesa, ela é muito importante” e 5. “Por que ajudar a nos comunicar, e facilitar a entender letras de músicas”.

Nota-se que algumas respostas autorais poderiam ser incluídas nas sugestões dadas pelo próprio formulário como a número 2. “neste momento não estudo inglês, mas quando eu estudava era porque era obrigatório e porque eu queria aprender” que pode ser lida como “obrigatório e necessário” já que o participante não fala em gostar da língua, apenas que queria aprender, assim como a resposta 3 que diz “Porque é necessário para o meu desenvolvimento no estudo e o inglês é uma língua bastante recorrida na área do turismo e em outras também”. A resposta 4, que diz “eu gosto muito da língua inglesa, ela é muito importante”, pode ser entendida como a sugestão

dada pelo questionário que diz “obrigatório, necessário e porque eu gosto”.

Desse modo, 20 participantes (58,82%) responderam que o inglês é “obrigatório e necessário” e 12 (35,29%) disseram que estudam inglês porque é “obrigatório, necessário e porque eu gosto”.

Ao serem perguntados se gostam de estudar inglês, a grande maioria dos entrevistados respondeu que sim (31 do total disse sim, o que dá 91,1% da amostra). No entanto, é possível dividir esse grupo em dois: 23 alunos (67,6%) disseram que gostam, mas apenas um pouco, enquanto que oito alunos (23,5%) disseram gostar e muito de inglês. Apenas 3 alunos (8,8%) disseram não gostar de inglês, mas também não veem problema em estudar a língua. Nenhum aluno disse não gostar e não querer estudar inglês. A Aprendizagem Afetiva (Affective Learning) não pode ser ignorada nesse contexto, e se revela como uma ferramenta importante de auxílio ao professor no seu trabalho de ensino.

O papel do afeto na aprendizagem não pode ser negado por ninguém. [...] novas descobertas na neurociência, psicologia, e ciência cognitiva confirmam que o afeto está complexamente concatenado com o pensar e com a execução de funções importantes que podem guiar o comportamento racional, ajudar na recuperação de memória, dar suporte à tomada de decisões e melhorar a criatividade. Certamente, professores sabem que o afeto cumpre um papel crucial, como um fator intuitivo para aprofundar a motivação, aumentar o interesse, gerar engajamento, elevar a atenção. É esperado que dessa forma ele também possa maximizar resultados de aprendizagem, pois estudos demonstraram que habilidades emocionais podem ter mais influência que habilidades cognitivas para o sucesso pessoal ou profissional (BAMIDIS, p. 2, 2017, tradução nossa).

Dando continuidade, em relação à pergunta “você considera ter facilidade com línguas estrangeiras?”, 19 alunos (55,9%) relataram que sim, mas que há algumas dificuldades. 13 alunos (38,2%) relataram não ter facilidade com línguas estrangeiras, mas se esforçam para compensar. Dentre os dois alunos restantes, um disse não ter facilidade, e isso é algo que lhe incomoda, e outro disse ter muita facilidade com línguas estrangeiras, pois aprende bem rápido, sendo que cada um representa apenas 2,9% do total da amostra. Em relação a ter facilidade ou não com o aprendizado de línguas estrangeiras, é importante recorrer às contribuições de Howard Gardner e sua teoria das múltiplas inteligências. Essa sua concepção de inteligência:

[...] surgiu da sua observação de que indivíduos que demonstraram talentos substanciais em domínios diversos como xadrez, música, esportes, política e empreendedorismo possuíam capacidades nesses domínios que deveriam ser consideradas na conceitualização de inteligência (DAVIES *et al.*, p. 487,

2011).

Dentre os oito tipos de inteligências identificadas por Gardner, a inteligência linguística diz respeito a: “uma habilidade de analisar informação e criar produtos envolvendo linguagem oral e escrita tais como: discursos, livros e memorandos” (DAVIES *et al.* p. 488, 2011). Esse tipo de inteligência pode explicar a facilidade de alguns alunos e dificuldade de outros.

Uma pergunta relativa à língua portuguesa foi inserida, pois há pesquisas numerosas e consistentes que entendem o uso da primeira língua durante o processo de aquisição da segunda língua como algo positivo (TURNBULL; EVANS, 2017). Em um estudo envolvendo grupos de discussão com alunos japoneses, foi constatado que os que puderam primeiro conversar usando a primeira língua conseguiram melhores resultados na resolução de exercícios de compreensão textual.

Ao serem perguntados se gostam de estudar português na escola, metade dos participantes (17 alunos) disseram que sim, mas que não sabem dizer o motivo. O segundo grupo mais significativo, de 9 participantes (26,5% do total) disseram que gostam de estudar português e têm facilidade com o estudo de gramática. Um terceiro grupo de cinco alunos (14,7% do total) disseram não gostar de estudar português, mas que tem muitas notas boas, o que pode indicar uma facilidade mesmo sem uma percebida afinidade. Por último, apenas três alunos (8,8%) relataram não gostar de estudar português e também terem dificuldade.

Em pergunta sobre o modo como preferem aprender inglês, sendo que cada aluno poderia marcar mais de uma opção, tivemos resultados que surpreendem por indicarem o oposto do que a maioria das tendências mais modernas tem apontado em relação ao modelo de aula que devemos desenvolver nas escolas. Essas respostas talvez corroborem a tese de Borges (2016) que aponta tendência na educação moderna de demonizar a transmissão de conhecimento, enquanto privilegia atividades que valorizam a “construção” de conhecimento, ou o “aprender a aprender”, sem levar em consideração as condições sociais em que os alunos vivem, nesse caso, ignorando mesmo as próprias preferências de aprendizagem dos alunos.

Deste modo, em relação a como preferem aprender inglês, 29 alunos (85,3%) disseram que preferem aprender com explicações. O segundo resultado mais expressivo também aponta práticas tidas como mais “tradicionais”, pois 24 alunos (70,6%) disseram que preferem aprender com exercícios escritos. Um dos maiores linguistas da atualidade, Stephen Krashen, também defende a utilização de exercícios

escritos na aprendizagem de língua inglesa. Chamada de *extensive reading*, nesta metodologia os “alunos fazem leituras escolhidas com o mínimo de monitoramento, escrevendo breves resumos ou comentários sobre o que eles leram” (MASON; KRASHEN, p. 91, 1997, tradução nossa). O foco dessas atividades é tanto na parte de leitura, que é extensiva (por exemplo, nesse estudo os alunos teriam que ler 50 livros adaptados aos seus níveis de desenvolvimento da língua por semestre), como na parte de escrita, que acontece de forma mais livre.

Mas, voltando aos resultados, ficaram empatados como os terceiros resultados mais expressivos as modalidades de ensino “com vídeo” e “com conversas em grupo”, cada uma com 19 alunos (55,9%), o que aponta para tendências mais interativas de aprendizado de língua, lembrando as teorias de Vygotsky (COELHO; PISONI, 2012). 15 alunos (44,1%) preferem aprender inglês com música, no entanto, o aprendizado de inglês com música pode se dar de diversas formas, pela leitura acompanhada da música, exercícios de “filling the gaps” ou cantando, sendo que os alunos não especificaram qual dessas formas seria a melhor. Quatro alternativas tiveram apenas um voto, que foram “que fosse aula presencial e não online”, “com brincadeira dinâmica”, “com professores que saibam ensinar bem” e “com perguntas orais”, o que resultou em uma porcentagem de 2,9% para cada.

Ao aprender línguas estrangeiras ou algum outro conteúdo procedimental (ZABALA, 1998), é importante associar o aprendizado a algo prazeroso (BAMIDIS, 2017) ou a algo que faça parte da sua vivência, para gerar uma aprendizagem reflexiva (FREIRE, 2011). Deste modo, foi feita a seguinte pergunta: “Você gosta e desenvolve atividades relacionadas à língua inglesa? Por exemplo, assistir filmes ou séries em inglês com legenda em português, jogar jogos em língua inglesa, escutar músicas em inglês, conversar com amigos em inglês, entre outros. Cite quais:”.

O que podemos perceber é que a maioria dos participantes consomem algum tipo de conteúdo em inglês, principalmente relacionados à entretenimento. Após a tabulação e decodificação das respostas, conseguimos chegar à cinco categorias: “Entretenimento”, “Aprendizagem”, “Interação”, “Desenvolve atividades em inglês fora da aula (de modo geral)” e “Não desenvolve atividades em inglês fora da aula (em geral)”. Foram um total de 25 alunos (75,7%) que relataram desenvolver alguma atividade associada à diversão e que tenha algum tipo de uso da língua inglesa. Dentre estes, os tipos de entretenimento mais comuns foram jogos eletrônicos, música, filmes e séries de televisão. Um aluno relatou desenvolver leitura em inglês.

Dentre estes alunos, 4 alunos (12,1%) disseram além de se divertir também aprender durante as atividades que desenvolvem em inglês.

Um dos relatos mais interessantes foi o de um dos participantes que disse:

“Eu gosto de jogar e ouvir conteúdos com língua inglesa. Conforme vou me divertindo percebo como a palavra é associada ao item (no caso de jogos). Assim posso lembrar e rapidamente associar (sic) as duas coisas toda vez que ver o item ou a palavra. Na música a repetição de palavras e o tema abordado, torna fácil decorar e aprender a pronúncia da palavra ou frase”.

A diversão associada ao estudo é parte do que já identificamos como Aprendizagem Afetiva (BAMIDIS, 2017). Neste caso o aluno atesta a efetividade desse tipo de aprendizagem. Outra categoria que se repetiu foi a da Interação. Dois alunos (6,06%) relataram desenvolver atividades interativas dentro da língua inglesa, sendo que um deles foi bem enfático ao dizer: “Eu gosto muito de conversar em inglês com pessoas de outros países”. A conversa com estrangeiros retoma tanto as teorias de Vygotsky sobre a importância da interação na aprendizagem (COELHO; PISONI, 2012), como a da associação da aprendizagem à vivência do aluno, defendida por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (2011).

Em relação aos tópicos de interesse dos alunos, mais uma vez, as repostas foram dispostas em tabelas que ajudaram nas suas decodificações e, finalmente, na identificação de categorias, que podem ser resumidas em: “Cultura em Geral”, “Conteúdo Específico da/na Língua Inglesa” e “Lazer”. As repostas negativas ou não especificadas foram categorizadas como “Não especificado”. Para que chegássemos a essas respostas, a seguinte pergunta foi feita “Quais tópicos dentro da disciplina da língua inglesa são do seu interesse? Por exemplo, filmes, cultura de países de língua inglesa (EUA, Reino Unido, Austrália...), literatura, música, história, entre outros”. Os resultados foram diversos.

A primeira categoria, Cultura em geral, diz respeito a diferentes tipos de cultura, como arte, história, cultura de países diferentes, entre outros. Um total de 17 respostas foram categorizadas dessa forma, o que dá uma porcentagem de 51,5% da amostra. A outra categoria é um pouco mais complexa e foi identificada como “Conteúdo específico da/na língua inglesa”. Foi notado que muitos participantes especificaram a língua inglesa como objeto principal da cultura ou outro tópico apresentado, o que fez com que essas respostas fossem para essa categoria e não a primeira. Também foram incluídos nessa categoria os que de algum modo expressaram a vontade de ter conteúdo desenvolvido dentro da própria língua inglesa, como em uma das respostas:

“A forma em que eles se comunicam”; e em outra: “Animes, e viagens pra outros lugares”, em que há um foco no uso ou em aspectos mais pragmáticos da língua, isso é, tópicos que realmente envolvam situações reais de fala.

É válido ressaltar que a palavra “Animes” foi desconsiderada, pois se trata de uma representação da cultura japonesa, apenas sendo considerado a parte que diz “viagens para outros lugares”, apesar de existirem animes em inglês ou de que muito do conteúdo de “mangás”, por exemplo, seja disponibilizado em maior escala na língua inglesa. No total, 11 alunos (33,3%) deram respostas que possibilitaram essa categorização, a segunda mais expressiva. Apenas um aluno (3,03%) demonstrou interesse em jogos, o que foi categorizado como o tópico Lazer. 4 alunos (12,1%) não souberam ou não especificaram seus tópicos de predileção.

Aos participantes da pesquisa, a pergunta “Você gosta de estudar para além do que o/a professor/a de inglês passa nas aulas?” foi feita. A grande maioria dos alunos respondeu que sim (31 alunos – o que equivale a 91,1% do total). No entanto, houve divergência nos modos como esse estudo complementar é feito. 14 alunos (41,2%) responderam que “sim, sempre pesquiso coisas na internet ou em livros”. nove alunos (26,5%) responderam que “sim, gosto de praticar com atividades de lazer”. E, oito alunos (23,5%) disseram que “sim, peço ajuda a colegas”.

Esses resultados corroboram a pergunta anterior que averiguava se os alunos gostavam de estudar inglês ou não. A mesma porcentagem que disse gostar de inglês é a que disse que gosta de estudar inglês para além do que o/a professor/a de inglês passa nas aulas, que foi de 91,1%. Essa indicação mostra que há afinidade dos alunos do curso técnico em hospedagem com uma das principais ferramentas comunicativas para o setor do Turismo, que é a Língua Inglesa (IRIMIEA, 2018). Apenas 3 alunos (8,8%) disseram não estudar para além do que é vivenciado em sala de aula, entendendo-se aqui estudo não apenas a pesquisa formal ou a resolução de exercícios, mas também a tentativa de inserir a língua estrangeira no cotidiano.

Ao definir Trabalho e Educação, Saviani (2007) explica que esta última não se resume ao momento de estudo em sala de aula e que as duas categorias estão ontológica e historicamente imbricadas, sendo o Trabalho aquilo que define o homem antes de tudo, isso é, a todo momento estamos exercendo algum tipo de Trabalho/Educação, e é daí que surge a necessidade de saber se os alunos conseguem entender a importância do estudo da língua inglesa para além das paredes da sala de aula.

Por último, a PSA, ou Análise da Situação atual é uma fotografia da situação atual do aluno. Nela foram avaliados pontos fortes e fracos na língua, habilidades e experiências de aprendizado (SOBKOWIAK, 2008). Nesse sentido, foram feitas perguntas que pudessem esclarecer a realidade concreta do aluno no momento em que respondeu ao questionário. Nesse sentido, não só perguntas relacionadas diretamente ao aprendizado da língua inglesa foram feitas, como também perguntas relacionadas à vida do participante da pesquisando enquanto estudante.

Como já discutido, a educação não acontece apenas na sala de aula e, em grande parte, o aluno deve ser incentivado a ter atitude mais independente e proativa em relação aos seus estudos por esse motivo. Na pergunta anterior, vimos que a maioria dos alunos gosta de estudar para além do que é passado nas aulas de inglês, todavia, nem sempre os alunos conseguem se dedicar a esses estudos por não terem o tempo necessário.

Assim, a seguinte pergunta foi feita: “Quanto tempo você tem para dedicar ao estudo da língua inglesa fora da sala de aula?”. Em relação a essa pergunta, metade dos alunos (17) responderam que tem um tempo razoável para se dedicar a estudos extras. 10 alunos (29,4%) disseram que tem pouco tempo para dedicar ao estudo da língua inglesa fora da sala de aula. Quatro alunos (11,8%) disseram que “quase não tem tempo” para estudos extras. Dois alunos (5,9%) disseram ter muito tempo para o estudo extra e apenas um aluno (2,9%) disse não ter tempo algum para estudar a língua inglesa fora da sala de aula. Isso mostra que, seja pouco ou muito, a grande maioria dos entrevistados (97,1%) tem alguma quantidade de tempo para dedicar ao estudo extra da língua inglesa, o que pode favorecer muito o aprendizado, já que se trata de um conteúdo procedimental e exige prática que, muitas vezes, não cabe dentro do horário semanal de aula.

Um conteúdo procedimental - que inclui entre outras coisas as regras, as técnicas, os métodos, as destrezas ou habilidades, as estratégias, os procedimentos - é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo. São conteúdos procedimentais: ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, espetar, etc. Conteúdos que, como podemos ver, apesar de terem como denominador comum o fato de serem ações ou conjunto de ações, são suficientemente diferentes para que a aprendizagem de cada um deles tenha características bem específicas (ZABALA, p. 43/44, 1998).

É possível identificar a leitura e a tradução como exemplos de conteúdos procedimentais diretamente ligados à aprendizagem da língua inglesa, e todos os demais (como desenhar e calcular) têm um caráter muito mais prático do que

conteudista, isso é, não se aprende “o que”, mas sim “como” fazer algo. Nestes casos, as aulas tradicionais envolvendo apenas explicação podem não ser suficientes, e, por isso, foram adotadas metodologias ativas como base para a formulação do produto, dentre elas a Aprendizagem Baseada em Problemas (BOROCHOVICIUS E TORTELLA, 2014) e a Sala de Aula Invertida (PAVANELO E LIMA, 2017).

Na ABP uma situação problema é apresentado no início do curso e esta serve como base para a maioria das atividades desenvolvidas, enquanto que a Sala de Aula Invertida (Ou Flipped Classroom) envolve a utilização do tempo fora da sala de aula para a execução de exercícios ou pesquisa (estudo individual) referente ao momento da sala de aula (estudo coletivo).

Uma das formas de melhorar a aprendizagem e fazê-la mais significativo é associar o que é estudado em sala de aula com algo já presente na vida do aluno, o que Ausubel definiu como Aprendizagem Significativa:

Aprendizagem significativa é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (MOREIRA, p. 2, 2012).

Deste modo, a seguinte pergunta foi feita: Além de estudar, você se dedica a outras atividades? Quais? Por exemplo, trabalho assalariado, trabalho doméstico, atividades religiosas, atividades de lazer, esporte, entre outras. As respostas foram bem diversas e podem ser resumidas em:

- 16 participantes (47%) desenvolvem algum tipo de trabalho doméstico;
- 11 participantes (32,3%) desenvolvem algum tipo atividade de lazer;
- 9 participantes (26,5%) praticam algum tipo de esporte;
- 8 participantes (23,5%) desenvolvem algum tipo de trabalho remunerado;
- 5 participantes (14,5%) praticam algum tipo de atividade religiosa;
- 1 participante (2,94%) se dedica ao aperfeiçoamento pessoal (cursos profissionalizantes ou acadêmicos);
- 1 participante (2,94%) se dedica à prática de ensino informal (ensinar a um membro da família a matéria da escola);
- 4 participantes (11,8%) disseram não fazer outras atividades além dos estudos.

Destas respostas codificadas da tabulação inicial, foi possível encontrar duas categorias principais relativas às atividades a que se dedicam para além da sala de aula: “possível de ser associado ao aprendizado da língua inglesa” e “difícil de associar ao aprendizado da língua inglesa”. Respostas como “atividades de lazer”,

que envolveram desde atividades como “assistir filmes” e até “ouvir música”, podem, facilmente, serem associadas ao aprendizado da língua inglesa, já que o mercado fonográfico é um grande veículo de irradiação da língua inglesa (ORTIZ, 2004; CRYSTAL, 2003). Já as respostas associadas ao trabalho doméstico, por exemplo, dificilmente podem ser associadas a qualquer tipo de aprendizagem, já que o trabalho doméstico, quase que em sua totalidade, se presta à reprodução do trabalho que explora tanto o homem como a mulher, apesar de, em grande parte, estar principalmente associado a esta última.

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa, ou, se quisermos, dentro e fora da fábrica. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital: desde logo por exercer, no espaço público, seu trabalho produtivo no âmbito fabril. Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria (ANTUNES, p. 108, 2009).

Sendo assim, levando em conta as respostas dos participantes da pesquisa, podemos categorizar da seguinte forma:

- 21 participantes podem ter dificuldade de associar as atividades complementares à escola ao aprendizado da língua inglesa.
- 13 participantes podem conseguir associar as atividades complementares à escola ao aprendizado da língua inglesa.

Logo, podemos concluir que, nesse caso, a maioria dos participantes terá dificuldade em associar as atividades que eles já desenvolvem e tem conhecimento prévio, ao aprendizado da língua inglesa.

Ainda falando das atividades que os alunos desenvolvem para além dos estudos, foi perguntado aos próprios participantes se eles achavam possível associar essas atividades ao uso da língua inglesa. Dentre os participantes, 18 (52,9%) disseram que “sim, algumas”. Oito alunos (23,5%) disseram que “sim, praticamente todas”. Sete alunos (20,7%) disseram que “sim, mas talvez seja difícil”. Apenas um aluno (2,9%) disse que “não, não há como”. Esses resultados são contrastantes com os resultados da pergunta anterior. Isso pode indicar que a pergunta anterior poderia ter sido melhor formulada ou que talvez os alunos não tenham uma percepção muito claro da organização de seus cronogramas semanais.

No entanto, apesar de apenas um aluno ter respondido que não seria possível associar as atividades complementares à sala de aula à aprendizagem da língua

inglesa, oito alunos disseram que poderia ser difícil fazer essa associação, dando um total de nove alunos que poderiam entrar para a categoria da pergunta anterior “difícil de associar ao aprendizado da língua inglesa”, o que aproxima do número (treze participantes) dos resultados da pergunta anterior. Conclui-se, portanto, que, em graus diferentes, os alunos conseguiriam associar alguma das atividades que eles desenvolvem fora da sala de aula com o uso da língua inglesa.

Ao serem perguntados se seus pais incentivam o estudo de uma segunda língua ou entendem a importância disso, 14 alunos (41,2%) disseram que “sim, eles me incentivam a estudar de forma geral, não só o inglês”. 9 (26,5%) alunos disseram que “sim, eles me incentivam muito”. Sete alunos (20,6%) disseram que “sim, eles me incentivam um pouco”. Quatro alunos (11,8%) disseram que “não, eles acham que não há importância”.

Por último, os alunos foram convidados a responder por quais motivos escolheram o curso Técnico em Hospedagem, sendo que mais uma de opção poderia ser marcada nesse caso. A maioria dos alunos (23 deles, totalizando 67,6%) disseram que “por eu acreditar que há boas oportunidades de emprego”. Outro número expressivo foi dos alunos que disseram “por disponibilidade”, que foram 19 (55,9%). O terceiro maior número, 12 alunos (35,3%), diz respeito aos alunos que disseram: “por eu me identificar com a área”. Três alunos (8,8%) disseram que escolheram o curso “por influência dos outros”. Um aluno (2,9%) deu uma resposta bem específica e disse “Eu queria trabalhar como Técnico em Enfermagem mas não deu certo (T-T). O que restou foi esse curso, estou satisfeito? Não (ksks). Mas tá dando para levar, acredito que não irei exercer essa profissão por falta de afinidade e por causa que apesar de um território turísticos as oportunidades são mínimas. Por causa do QI (Quem Indique).”. Um outro aluno (2,9%) respondeu que foi “por falta de opção, mas gostei muito”.

O segundo instrumento de coleta de dados utilizado nessa pesquisa foi a entrevista. Esta foi composta de três perguntas abertas que foram direcionadas aos docentes do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer. A escolha desse instrumento se deu pelo seu caráter mais livre, o que é mais condizente com o nível de maturidade dos entrevistados.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo

assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p. 109).

Devido à Pandemia do Coronavírus, as entrevistas, que foram realizadas ainda no primeiro semestre de 2021, foram feitas on-line por meio da plataforma *Google Meet*, foram gravadas e posteriormente transcritas em documento que foi utilizado nesta análise de dados.

Para verificar junto aos docentes do eixo e, portanto, especialistas e alguns dos principais stakeholders da área, se o inglês tem ou não relevância para o curso técnico em hospedagem e se eles mesmos já buscaram algum tipo de capacitação nesta língua, algo que também demonstraria o quão importante eles entendem ser a língua inglesa, a seguinte pergunta foi feita: Você tem alguma formação em língua estrangeira? Qual a sua relação com a língua inglesa enquanto profissional que atua na formação de profissionais do setor do turismo?

Uma das percepções que foram alcançadas diz respeito à importância da língua estrangeira de modo geral, e uma tendência a migrar para o espanhol pela facilidade e proximidade com a língua portuguesa.

Eu não, eu não tenho nenhuma formação ligada à língua inglesa. Na época que eu fiz o turismo na universidade que a gente paga quatro..., a gente paga quatro disciplinas de língua estrangeira, a gente pode optar pelo inglês ou pelo espanhol. E aí na época eu optei pelo Espanhol porque desde o ensino médio que eu sempre fazia espanhol né? Então tinha mais afinidade com espanhol [...] Mas assim eu tenho conhecimento de inglês mas não é tão assim, como eu posso dizer, tão aprofundado, mas eu tenho algum conhecimento, mas entre as duas é mais é espanhol que eu tenho. (Entrevistado 1)

A preferência pelo espanhol pode ser explicada pela proximidade geográfica e linguística, já que o português também é uma língua neolatina. Para além disso, é preciso também ressaltar que “a aprendizagem do espanhol no Brasil e, mais especificamente, no Nordeste, promove uma maior facilidade do ingresso do futuro turismólogo no mercado de trabalho” (MOREIRA; CASTELO BRANCO; CARVALHO, 2017, p. 27), algo que deve ser considerado pelos profissionais dessa área na hora de escolher que caminho seguir em seus aperfeiçoamentos profissionais. No entanto, como verificado pelo mesmo estudo através de aplicação de questionário com profissionais do turismo que atuam na cidade de Parnaíba, “percebe-se que, para eles, a língua inglesa tem supremacia sobre as demais LEs no cenário mundial” (MOREIRA; CASTELO BRANCO; CARVALHO, 2017, p. 24).

A segunda entrevistada já possuía uma formação mais completa, tanto na área

de turismo como em línguas estrangeiras. Inclusive, demonstrou utilizar o conhecimento de língua inglesa nas disciplinas da área de turismo, nesse caso, na disciplina de eventos.

Eu sou formada em letras inglês e o meu mestrado, na área de literatura, estou também trabalhando literatura inglesa. [...] Porque tem uma parte lá do ementário deles que a gente trabalha com questão de tradução em eventos que é bem no finalzinho da disciplina que a gente estuda isso que aí eles vão aprender sobre a questão de tradução simultânea enfim como que funciona essa parte tradução então acaba entrando um pouquinho [...] Sou bacharel em turismo também, tanto em letras inglês como bacharel em turismo [...] Na época eu já fazia curso [de inglês], comecei a estudar aos 11 anos de idade. [...] no curso de turismo, eles deram essa opção: você pode escolher as disciplinas, ou espanhol ou língua inglesa, e aí eu optei primeiro pela língua inglesa e depois estudei também espanhol. São dois anos de cada que a gente estuda. São quatro blocos de língua estrangeira. (Entrevistada 2)

Duas conclusões podem ser tiradas desse fato. A primeira, a de que a entrevistada, mesmo sem saber que área seguiria no futuro (já que começou a estudar inglês ainda com 11 anos) já entendia ou tinha pais que entendiam a importância de dominar uma segunda língua, no caso o inglês. A segunda hipótese, que é mais conveniente com as ideias defendidas nesse trabalho, é a de que a entrevistada entende que, na área de turismo, saber uma segunda língua, especialmente o inglês, é uma ferramenta crucial para a comunicação na comunidade global e uma necessidade e uma obrigação (PRACHANANT, 2012; JOSEPH E MUNGHATE, 2012).

A terceira entrevistada demonstrou ter o menos domínio da língua inglesa, mas, mesmo assim, atestou a importância do inglês para seu setor.

No caso, eu não tenho formação nenhuma em língua inglesa. Eu fiz cursos, certo? Mas, na verdade, eu, particularmente, eu nunca gostei, mas como eu explico sempre para os meus alunos, por causa disso eu já perdi oportunidades enormes, por causa dessa minha teimosia de não querer fazer realmente o inglês. O inglês que eu sei é aquele básico que a gente assiste filme, a gente lê, de vez em quando, tem uns livros em inglês e eu saiu lendo, mas mesmo o básico mesmo, do básico. Não para ser um profissional (Entrevistada 3).

Mesmo não tendo buscado formação linguística para ela mesma, a professora não deixa de incentivar seus alunos a buscar aperfeiçoamento.

O quarto entrevistado afirmou que não tem formação na língua inglesa, mas que sabe da importância dessa formação principalmente pela quantidade de termos técnicos ingleses na área de administração (sua área de formação). Ele citou o caso em que não se sentiu seguro ao pronunciar a palavra “*brainstorm*”, por exemplo.

De modo geral, os professores do eixo técnico tenderam a responder de forma muito convergente, todos eles reconhecendo a relevância da língua inglesa para o setor do turismo, tendo eles graus diferentes de formação na língua inglesa ou outra língua estrangeira e também afirmando ter que usar em suas aulas de algum modo conhecimentos de língua inglesa.

[...] nós temos várias disciplinas que elas necessitam de pelo menos um conhecimento básico do inglês, porque são utilizados termos técnicos em inglês, né? E, além disso, para quem vai trabalhar com turistas, muitas vezes, nós temos turistas estrangeiros, então, necessita-se também, é... que tenha, pelo menos, no mínimo, uma noçãozinha do inglês, do básico do básico mesmo. (Entrevistada 5)

Partindo para a segunda pergunta, o foco foi, especialmente, no quê (conteúdo) e como (metodologia) ensinar a língua inglesa no Técnico em Hospedagem, pensando no mundo do trabalho, isso é, as situações concretas que envolvem a profissão em que os estudantes estão se formando e suas particularidades. Por isso, a seguinte pergunta foi feita: qual tipo de abordagem poderia ser adotada no ensino da língua inglesa no curso técnico em hospedagem para que os alunos tenham uma formação mais próxima da realidade que eles vivenciarão no trabalho?

A primeira indicação dada pelo entrevistado 1 foi a de focar no aspecto prático do ensino da língua inglesa.

Uma língua estrangeira a gente só aprende praticando, praticando todo dia, procurando manter um certo diálogo. Eu, na minha opinião, fazendo lá, executando essa disciplina lá com eles, a gente poderia também fazer as aulas no método convencional e também trazer para o lado do segmento turístico, né? Para eles entenderem a linguagem turística, né? Porque a própria linguagem turística, ela exige isso, né? [...] Então, colocava esses meninos para fazer bastante prática. Ter as situações do dia a dia, a gente fazer alguma simulação com um estrangeiro, né? Enfim. Resumindo a sua pergunta: colocar eles para fazer prática, somente prática, né? E aí a gente vai adaptando ao segmento do Turismo e colocando eles para praticar, falar de certa forma o idioma (Entrevistado 1).

O entrevistado, mesmo que inconscientemente, parece entender o inglês mais como um conteúdo procedimental e menos como factual ou conceitual (ZABALA, 1998). Conteúdos procedimentais precisam de ações ordenadas para um fim e são dirigidas para a realização de um objetivo. Tendencialmente, esses conteúdos focam mais na prática do que na teoria, exigindo o mínimo de explicação e o máximo de exercício do conhecimento ou procedimento.

Outro aspecto que ficou se destacou foi a da Aprendizagem Significativa (MOREIRA, 2012):

[...] em relação à forma de ser ministrada, eu acho que isso facilita não só no curso de hospedagem, mas em outros, qualquer outra área também, quando você faz links com aquilo que o aluno está vivenciando ou com o objetivo dele. Se torna muito mais fácil, né? Do que você ir para uma realidade distante [...]. No caso, a ementa, no plano de curso, não apresenta-se uma coisa específica para o que eles vão trabalhar, porque, por exemplo, se eles vão trabalhar na área de hospedagem, eles precisam ter aquela parte do foco no atendimento. E isso não tem. [...] (entrevistada 2)

Quando comenta a importância de fazer links com o objetivo do aluno, a entrevistada reforça a importância da aplicação do *Needs Analysis* também com os alunos, pois esse instrumento possibilita a compreensão desses objetivos, que podem ser expressos em forma de necessidades.

Comentando um estágio que fez na mesma escola, a entrevistada também deixou claro que trazer situações reais é uma forma mais eficaz do que apenas ensinar conteúdos gramaticais, o que pode indicar que metodologias ativas como a ABP (Aprendizagem Baseada em Problemas) podem ser mais eficazes do que as aulas tradicionais (BOROCHOVICIUS E TORTELLA, 2014):

Quando eu tentava aliar, por exemplo, como eles poderiam aplicar aquele conteúdo em, em um processo de atendimento, por exemplo, aquela apresentação básica, enfim, como fazer o check-in e check-out, como que eles... o que que eles poderiam utilizar de língua inglesa, era muito mais fácil para eles conseguirem compreender o conteúdo do que quando eu ensinava só a parte gramatical (Entrevistada 2).

A entrevistada 3 reforça o foco na prática dado pelos demais participantes da pesquisa.

Se eles fossem pegar esse tipo de inglês que você tá sugerindo (o inglês instrumental), do primeiro ano, segundo ano... Quando a gente chegasse no terceiro ano, que a gente trabalha só praticamente... só a prática, eles iriam colocar também em prática já interligando português e inglês. Acho que tudo, como a gente diz, assim, né? Fazendo na prática, tudo se torna mais fácil, acho que o aprendizado é melhor (Entrevistada 3).

Outro ponto levantado foi o das situações específicas que podem envolver os alunos. Ao responder à pergunta, a entrevistada 5 fez referência a um curso que ela mesma fez para ilustrar o que é importante de ser ensinado.

[...] Por exemplo, esse curso que eu fiz no Senac, foi algo voltado para o turismo. Era inglês voltado para turismo, onde a gente aprende os termos técnicos e, além disso, como fazer, como realizar um atendimento com estrangeiro. Então, eu acho que tem uma carência de investir na conversação para atendimentos em inglês. (Entrevistada 5)

Dentro da área de turismo, muitas são as situações linguísticas e podemos citar

desde funções comunicativas mais amplas, como “dar direções” até funções comunicativas mais específicas, como “dar informações” e “prestar serviços” (PRACHANANT, 2012) como cruciais para o setor.

Tanto o 4º como a 6ª entrevistada reforçaram a ideia de que é necessário direcionamento das aulas para situações mais práticas, simulações de situações reais, conversação (foco na habilidade da fala), todos esses aspectos reforçando o que foi abordado no produto.

Por último, a terceira pergunta teve como objetivo principal averiguar se as práticas dos professores em sala de aula tinham intenções interdisciplinares ou como o professor enxerga essas práticas. A pergunta foi a seguinte: o que você acha da interdisciplinaridade? Você, como professor, busca relacionar sua disciplina a outras disciplinas?

A visão de interdisciplinaridade defendida aqui a coloca como necessidade e como problema pois “a questão da interdisciplinaridade, ao contrário do que se tem enfatizado, especialmente no campo educacional, não é sobretudo uma questão de método de investigação e nem de técnica didática, ainda que se manifeste enfaticamente neste plano” (FRIGOTTO, 2008, p. 42). Assim sendo, a interdisciplinaridade aqui não será enxergada apenas como união entre duas ou mais disciplinas, mas a percepção dos fenômenos enquanto totalidade concreta e, a partir disso, entender suas múltiplas determinações e mediações históricas (FRIGOTTO, 2008).

O primeiro entrevistado parece entender a interdisciplinaridade como uma necessidade.

Olhe, não só como eu destaco, mas como ela é visível né? Ela é visível mesmo que você não dê importância e nem que você queira destacar. [...] por quê que eu digo que isso é um presente, uma constante, essa interdisciplinaridade, né? Por exemplo, a gente está falando na questão do inglês, né? A disciplina de meios hospedagem, nós temos lá as informações turísticas, pictogramas, que são aquelas figurinhas, né? Que tem... que tem nas placas de sinalização turística, né? a própria linguagem do meio de hospedagem, ela é inglesa: check-in, check-out né? [...] Então bem aí na própria disciplina, ela já obriga (Entrevistado 1).

Já a segunda entrevistada, também afirmou que tem se buscado fazer trabalhos interdisciplinares na escola, mas focou mais no aspecto de parcerias entre disciplinas do Eixo Tecnológico e da Base Comum.

[...] eles têm, por exemplo, História da Gastronomia. Aí, querendo ou não, a gente vai e faz um link com a disciplina de História, que tem que contar toda

a pré-história, como é que o homem se alimentava e etc. Tem a disciplina, por exemplo, uma disciplina que eu ministro inclusive, que é coquetelaria. Aí os meninos tem que aprender a química das bebidas. Aí tem que pedir um professor, por exemplo, de química para dar uma aula para eles, né? Sobre um conteúdo nesse sentido. Então a gente sempre tá buscando fazer essa... essa interdisciplinaridade. (Entrevistada 2)

Ao expor a necessidade de, ao estudar Gastronomia, falar sobre as determinações históricas da alimentação humana, ou quando diz ser necessário entender os compostos químicos de bebidas que serão produzidas pelos estudantes do curso Técnico em Hospedagem, a entrevistada corrobora a visão de interdisciplinaridade de Frigotto (2008, p. 44) que diz que “a historicidade dos fatos sociais consiste fundamentalmente na explicitação da multiplicidade de determinações fundamentais e secundárias que os produzem”.

A terceira entrevistada até chegou a dizer, sobre a interdisciplinaridade, que “é muito importante na nossa... como eu falei, na nossa área, a gente sempre busca tá trabalhando uma disciplina, a gente puxa outra”. No entanto, também disse ter dificuldade de associar sua disciplina (que é do Eixo Tecnológico) às disciplinas da Base Comum por existir um “bloqueio” para essa integração.

Alguns tipos de metodologias tem a tendência de fomentarem práticas interdisciplinares. Esse é o caso da Aprendizagem Baseada em Problemas. No exemplo a seguir, na fala do entrevistado 4, fica claro que uma de suas atividades facilitou a integração curricular na escola.

Por exemplo, eu já fiz uma atividade com os alunos de empreendedorismo que a gente ligou ao inglês, exatamente por esse ponto lá. A gente tava criando uma vez, pra tu ver, a gente tava tentando criar um aplicativo, então envolvia informática, o inglês porque estava pensando nos turistas na cidade de Parnaíba. (Entrevistado 4)

A ABP busca atender as necessidades dos discentes, e também “dos docentes porque os estimulam a pesquisarem e buscarem a interdisciplinaridade, fazendo conexão daquilo que estão ensinando com uma gama de informações necessárias aos futuros profissionais” (BOROCHOVICIUS E TORTELLA, 2014, p. 273).

Os depoimentos das entrevistadas 5 e 6 foram muito semelhantes e por isso serão contemplados no trecho a seguir, que foi retirado da fala da entrevistada 6. Em ambos os casos, houve uma preocupação com as habilidades de fala e escrita da língua. Além disso, a interdisciplinaridade também foi, mais uma vez, reconhecida com a abordagem de diversas disciplinas a um mesmo problema, o que aproxima essa visão da ABP, talvez até mais do que a interdisciplinaridade em si (a de Frigotto).

[...] a questão da interdisciplinaridade é importante por conta disso, porque eu preciso também de todas as disciplinas. Não é porque eu tô em meios de hospedagem 1 que eu só vou falar sobre a questão da administração do hotel. De forma alguma. Porque eu preciso de português para fazer um relatório; precisa de matemática para calcular o check-out; eu preciso da questão até da biologia e de química, por conta de serviços dentro de uma cozinha; também, né, preciso do inglês, por conta do atendimento ao cliente diretamente e indiretamente. Tanto a questão do diálogo, quanto a escrita. O diálogo por realmente receber os hóspedes, no caso, né? E da escrita também por conta dos e-mails (Entrevistada 6).

Deste modo, é possível concluir que todos os participantes da pesquisa entendem a importância da interdisciplinaridade para a formação profissional do técnico em hospedagem, apesar de enxergarem essa prática de formas diferentes, por vezes se aproximando da visão de Frigotto e, em outras, mais da ABP.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

Nesta seção apresentamos o produto educacional que foi produzido referente ao ensino de língua inglesa como forma de integração e interdisciplinaridade.

5.1 Descrição do produto educacional

O produto proposto refere-se à ampliação, diversificação, complementação de competências e habilidades acerca de conceitos, temas, conteúdos de interesses dos alunos. Foi realizado um curso de extensão de inglês instrumental para o setor do turismo, totalmente produzido pelo pesquisador, inspirado nos estudos dessa dissertação.

O curso de extensão é composto quatro módulos de 10 horas cada que abrangem conhecimentos mais gerais ou mais específicos, tais como: alfabeto e números; funções comunicativas amplas, como “dar direções”; funções comunicativas específicas do setor do turismo, como “dar informações” e “prestar serviços” (PRACHANANT, 2012).

A ordenação dos conteúdos divididos nos módulos seguiu a ordem do processo de oferta de serviços por um meio de hospedagem, iniciando com o Módulo 1 de “Conhecimentos introdutórios e Pré-interação com o cliente”; seguindo pelo Módulo 2 de “primeiras interações: o check-in e apresentação das dependências do meio de hospedagem”; o Módulo 3 com “a estadia: comidas e bebidas, serviço de quarto e agenciamento (oferta de pacotes turísticos)”; por último, o Módulo 4 “fim da estadia: o

check-out, lidando com *feedback* negativo ou positivo, fidelização do cliente.”

O curso de extensão foi desenvolvido por meio da plataforma *Google Meet*, no período noturno, para que os alunos que estudem durante o dia pudessem participar. Apenas o Módulo 1 foi aplicado. A sugestão do pesquisador é que esse curso seja ofertado como parte das atividades didático-pedagógicas da disciplina de Meios de Hospedagem e usando o material específico. O registro e disponibilização das atividades desse curso de extensão foi através da plataforma *Google Classroom*.

O modo de organização do curso é a de uma Sequência Didática. Zabala (1998) é categórico ao explicar que a organização das unidades didáticas de determinada sequência didática é fundamental para atingir determinados objetivos de ensino e aprendizagem, que sejam condizentes com a intenção do professor, a realidade e necessidade dos alunos.

5.2 Justificativa do produto educacional

Inicialmente, este produto se justifica pelas orientações contidas nos documentos oficiais que regem a educação brasileira. Segundo a LDB 9394/96, Art. 26: “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos”.

Nos termos da Resolução CNE/CEB nº 3/ 2018, Art. 12; § 7º: “a critério dos sistemas de ensino, os currículos do ensino médio podem considerar competências eletivas complementares do estudante como ampliação da carga horária do itinerário formativo escolhido, atendendo ao projeto de vida do estudante”.

Tendo em vista que, ainda na fase exploratória, em averiguação preliminar da matriz curricular do curso Técnico em Hospedagem do CEEP – Ministro Petrônio Portela (ANEXO A), percebeu-se que não há direcionamento das aulas de inglês para o contexto profissional que os alunos do curso enfrentarão depois de formados. Verificou-se, junto à professora responsável, que a língua inglesa é ensinada tal qual é feito em uma escola regular de ensino médio. Vale ressaltar que, no caso do CEEP – Ministro Petrônio Portela, o ensino de inglês se resume ao primeiro ano do ensino médio, o que compreende uma carga horária de 68 horas. No segundo ano, mais 68 horas de língua estrangeira são ministradas, mas desta vez ensina-se espanhol. No

terceiro ano não é previsto o ensino de nenhuma língua estrangeira. O fato de ter apenas 68 horas de aula de inglês durante todo o ensino médio e de este ser feito apenas no primeiro ano é motivo de reclamação dos alunos.

A insatisfação, segundo a coordenadora do Eixo de Turismo, Hospitalidade de Lazer, ocorre por pelo menos duas razões. Primeiro, pois os alunos reconhecem a importância da língua estrangeira para o ofício para o qual estão sendo preparados. E segundo, devido ao distanciamento da aplicação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), em que eles devem optar por uma língua estrangeira.

Outro aspecto importante a se considerar é que, ao ensinar inglês do mesmo modo que o ensino regular, perde-se o caráter integrador e interdisciplinar (FRIGOTTO, 2008) do ensino da língua estrangeira, que poderia também ter o trabalho como princípio educativo (MOURA, 2013). Nesse sentido, o inglês poderia ser uma forma de potencializar a formação omnilateral dos estudantes, em detrimento desse modelo em que o ensino técnico integrado é somente a oferta de disciplinas técnicas concomitantes ao ensino médio regular, sem que haja diálogo entre as duas esferas (a base comum e o eixo tecnológico).

É válido também ressaltar que o idioma pode ser meio de compensação ao trabalho predominantemente manual comumente exigido de profissionais dessa área, que, ao exercitarem uma L2 (língua dois) também exercitam o trabalho intelectual.

Para além disso:

Parnaíba é uma cidade considerada turística, principalmente pelo fato da existência do Delta do Parnaíba. Além disso, a cidade possui a praia da Pedra do Sal, ao mesmo tempo em que está próxima da cidade de Luís Correia, caracterizando um turismo focado em passeios ao Delta e no segmento de 'Sol e Mar' (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 364).

Segundo dados do Ministério do Turismo (MTur), a principal motivação de viagens a lazer de turistas estrangeiros que chegam ao Brasil é, justamente, o turismo de Sol e Praia (BRASIL, 2018). Entre os anos de 2014 e 2018, a procura por esse tipo de turismo cresceu de 49,2% para 71,7%, quando se fala nos principais motivos de busca do Brasil como destino turístico.

Deste modo, mesmo que não haja (já que os dados são insuficientes para confirmar uma quantidade considerável de turistas falantes da língua inglesa, o potencial da região existe e pode ser explorado. Para além disso, o gasto per capita de turistas vindos de países que tem inglês como língua nativa ou que, em grande parte, utilizam o inglês como língua franca é substancialmente maior que o de turistas

vindos de países que falam espanhol (especialmente os da América do Sul). Segundo o mesmo levantamento feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE) e pelo MTur: “os turistas provenientes dos países europeus e dos Estados Unidos gastam per capita, aproximadamente o dobro que os provenientes da América do Sul” (BRASIL, 2018). Na lista de países Europeus, figuram apenas Portugal e Espanha entre os países que possivelmente não usariam o inglês como língua de comunicação, tendo Reino Unido, França, Itália e Alemanha, países que ou tem o inglês como língua nativa (Reino Unido), ou tem a tendência de usar o inglês como língua de comunicação, ao invés do espanhol (buscar fonte). Por isso, estudar inglês pode garantir a atração de um turista que gasta, potencialmente, o dobro do que um turista que não precisa dessa língua de comunicação.

5.3 Plano de Desenvolvimento e aplicação do produto educacional

De acordo com Freire, Rocha e Guerrini (2017, p. 388): “os produtos educacionais surgem como instrumentos pedagógicos que os profissionais utilizam para as resoluções dos problemas por eles encontrados”. Por isso, a proposta desse produto foi feita com base nos resultados decorrentes da aplicação de questionário com os alunos do segundo ano do ensino médio e entrevista com professores do Eixo Tecnológico referente ao *Needs Analysis*.

Os dados encontrados na aplicação da entrevista e questionário, que foram baseados em pesquisa bibliográfica desenvolvida no âmbito do Inglês Instrumental (DUDLEY-EVANS E ST. JOHN 1998; IWAI *et al.*, 1999; RICHARDS, 2001; FRENDON 2005; SOBKOWIAK, 2008; BELCHIER, 2009; BASTURKMEN, 2010; ROMANOWSKI, 2017) apontaram para o desenvolvimento de um produto (curso), que pode fornecer competências linguísticas pertinentes ao profissional técnico em hospedagem, atendendo às necessidades identificadas por esses discentes do curso objeto dessa pesquisa.

De posse desses dados, foi elaborada um curso de extensão contendo atividades que contemplam as necessidades dos alunos, as situações em que o inglês será usado, as possíveis interações que ocorrerão (interlocutores), a instrumentalidade (de que modo será usada a língua), o nível esperado ao final do estudo do material, entre outros aspectos importantes.

O curso de extensão executado contempla: divisão por módulos, a utilização

de termos e situações relevantes para profissionais do turismo da região do Delta do Parnaíba e exposição a áudios e vídeos autênticos usados em determinados exercícios, bem como atividades de prática oral e escrita. A delimitação das unidades tem por base a duração de padrão de um curso de extensão, que deve ser de 40 horas, podendo ser dividida em quatro módulos, sendo que a cada módulo os alunos tiveram dez horas de aula.

Em visita de sondagem, a coordenadora do Eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer sugeriu que o curso fosse aplicado durante as disciplinas de Meios de Hospedagem.

O produto teve seu conteúdo elaborado pelo pesquisador que é profissional da área de Ensino da Língua Inglesa e foi escolhido com base nas respostas dos participantes da pesquisa bem como pesquisa bibliográfica na área, assim como materiais de referência (pesquisa documental). A seleção e desenvolvimento do material utilizado durante a aplicação do curso foi regida pelos dados coletados nos questionários e entrevistas, bem como pesquisa bibliográfica desenvolvida no âmbito do ESP e do Turismo. Todas as despesas referentes à impressão, diagramação, edição e aquisição de material foram custeadas pelo pesquisador.

O produto foi aplicado durante o turno da noite, para alunos do CEEP – Ministro Petrônio Portela, sem distinção de série. O que levou a preferir a aplicação do curso durante as aulas foi a dificuldade de manutenção do andamento destas durante a pandemia e o fato de que, ao ser aplicado à noite, mais alunos podem participar da aplicação.

Após a aplicação do produto, foi encaminhado aos participantes do curso um questionário de avaliação (APÊNDICE G) para que estes pudessem dar feedback referente ao curso, avaliando a si mesmos, o professor e o curso em si. Ao longo do curso, seis alunos participaram das atividades.

Na percepção dos alunos: a) em relação a compreensão do assunto; b) existe integração com os demais participantes; c) ao interesse e participação no decorrer do curso, ao discentes avaliaram como “satisfatório”.

Segundo, foi avaliado o curso e o professor. Quanto ao: a) conhecimento e domínio do assunto; b) quanto à clareza de explicação; c) quanto à facilidade de comunicação e de relacionamento com a turma; d) quanto ao atendimento e esclarecimento de dúvidas individuais; e) quanto à coerência entre o programa de curso e a contextualização da área profissional, o curso e o professor foram avaliados

como “satisfatórios”.

Em terceiro lugar: a) quanto à qualidade do material e recursos didáticos; b) quanto a dinâmicas e técnicas de trabalho utilizadas; c) quanto à carga horária disponível para o curso; d) quanto à aplicabilidade do conteúdo na sua profissão; e) em relação ao nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades profissionais; bem como, f) em relação à compreensão do objetivo do curso; os discentes avaliaram como “satisfatório”.

De modo geral, as respostas foram bem positivas. A avaliação mais baixa obtida foi “bom”, sendo que todas as perguntas resultaram em respostas de pelo menos “muito bom” ou “excelente”. O destaque fica para a última pergunta que requiritava comentários das participantes. Uma delas disse, sobre o curso, que estava “Tudo ótimo”. A outra sugeriu que “o curso foi bom e legal, o professor explicou direitinho cada assunto aplicado, os pontos fracos talvez poderiam ter mais perguntas e resposta se você sabe bem, se não vai aprende Agora”. Não ficou muito claro qual a sugestão da aluna, mas nos parece que ela sugeriu a utilização de maior número de perguntas, talvez questionários, para que o aluno seja encorajado a pensar sobre o que está aprendendo.

A sugestão da aluna também pode ser entendida e contemplada pela pesquisa como princípio pedagógico. Segundo Silva e Fiori (2021, p. 170), a pesquisa como princípio pedagógico: “contribui para desenvolver habilidades cognitivas complexas, as quais envolvem delimitação do objeto de estudo, a capacidade para sistematizar teorias, organizar metodologias, refletir sobre os resultados e propor intervenções”.

Mesmo com esse procedimento, o produto ainda terá de ser validado por banca julgadora no momento de defesa da dissertação, que será feita concomitantemente à defesa do produto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender os diferentes fenômenos que envolvem as esferas do Trabalho e da Educação junto do Curso Técnico em Hospedagem do CEEP – Ministro Petrônio Portela, tendo a necessidade como categoria central de análise. Este trabalho não seria possível sem a devida caracterização do espaço enquanto destino turístico, sobretudo o município de Parnaíba - PI, que faz parte da Rota das Emoções, roteirização que foi feita com o intuito de melhorar o desempenho turístico da região ao ser integrada a outras dois roteiros de sucesso (Jericoacoara e Lençóis Maranhenses).

Como objetivo principal, esse trabalho se propôs a investigar o processo de ensino da língua inglesa, através de uma formação complementar que garanta a contextualização e a integração entre a teoria e a vivência da prática profissional dos alunos do Curso Técnico de Nível Médio em Hospedagem, na forma integrada, do CEEP - Ministro Petrônio Portela.

Para isso, a pesquisa se dividiu em etapas. A primeira etapa diz respeito ao levantamento de referencial teórico relativo às bases conceituais do programa que envolve Trabalho e Educação, para situar a pesquisa enquanto trabalho de investigação materialista-histórico dialético. Nesse sentido, uma revisão histórica de literatura foi feita, tendo como categorias de referência o Trabalho e a Educação.

Num segundo momento, a investigação se voltou para a língua inglesa no contexto profissional do turismo. Nessa etapa, foram levantadas questões como a difusão da língua inglesa, o caráter imperialista dessa difusão, assim como a importância do *Needs Analysis* para a execução de trabalho educativo dentro do ESP e como isso se expressa no ensino de inglês para o setor do turismo.

Para investigar junto aos discentes do Curso Técnico em Hospedagem a percepção acerca da importância do ensino de Língua Inglesa na sua profissão foi aplicado um questionário que revelou que os discentes do curso entendem o inglês como necessário para eles. As respostas variaram, mas a maioria disse entender o inglês como Necessidade Profissional, mesmo que alguns tenham dito ser mais um recurso de Aperfeiçoamento Pessoal.

Em alguns casos, a língua inglesa também é vista como elemento de Entretenimento. De qualquer modo, a hipótese levantada de que o inglês é necessário no setor de Turismo foi confirmada, bem como o fato de que o inglês tem grande

relevância, independentemente de onde você morar, mas especialmente na região estudada por ser região turística.

Ainda em relação à aplicação dos questionários, foi possível perceber que os alunos entendem o inglês como uma necessidade profissional, apesar de que uma parte significativa também entende esta disciplina como parte de seu aperfeiçoamento pessoal. Essa tendência expõe as contradições que existem entre mercado, educação e trabalho identificados no levantamento do referencial teórico, algo que perpassa a sala de aula, ora a aproximando de educação voltada ao capital, ora lhe aproximando de educação politécnica.

Muitos alunos demonstraram preferência por práticas tidas como mais tradicionais por teóricos modernos da educação, como explicações diretas, o que nos faz refletir sobre o papel do professor enquanto agente da transformação, mas também da socialização dos conhecimentos desenvolvidos coletivamente ao longo da história da humanidade.

O segundo instrumento de pesquisa foi utilizado com a intenção de investigar junto aos docentes do Eixo Tecnológico de Turismo, Hospitalidade e Lazer como possibilitar o ensino de Língua Inglesa contextualizado e que atenda ao perfil do egresso de curso Técnico em Hospedagem. Divido em três perguntas, os resultados dessa etapa também serviram para basear a elaboração do produto educacional.

De modo geral, pode-se afirmar que os docentes entendem o inglês como ferramenta fundamental para sua área e atuação profissional. Quanto às sugestões para elaboração do produto, elas foram principalmente de que as atividades deveriam envolver a prática, seja ela na forma da habilidade da fala ou da escrita. Em relação à interdisciplinaridade, todos os professores atestaram a sua importância nesse setor de atuação e, todos eles, seja com abordagem mais ampla, entendendo a interdisciplinaridade como necessidade e problema ou como junção de forças para resolver um problema, algo similar à metodologia ativa ABP, disseram desenvolver práticas interdisciplinares em sua atuação.

Após a aplicação do produto que foi desenvolvido a partir das etapas anteriores da pesquisa, foi necessário avaliar a importância do curso de extensão de inglês na complementação curricular da formação profissional dos alunos do Curso Técnico de Nível Médio em Hospedagem, na forma integrada do CEEP - Ministro Petrônio Portela. De modo geral, as respostas foram muito mais positivas, tendo, pelo menos, uma nota “bom” e sempre tendo uma nota “muito bom” ou “excelente” acompanhada

da primeira. Conclui-se, portanto, que os alunos aprovaram a utilização do produto educacional e que este produto contribuiu para a complementação curricular deles.

Todas essas etapas da pesquisa podem ser entendidas como partes de um *Needs Analysis* abrangente. As principais fontes para uma *Needs Analysis* podem ser alunos, pessoas trabalhando ou estudando na área, ex-alunos, documentos relevantes para a área, clientes, empregadores, colegas, pesquisa em Inglês Instrumental na área. Assim sendo, inquirir esses stakeholders já é algo previsto na aplicação de um *Needs Analysis* completo.

Ainda sobre essa questão, entende-se que os dados podem ser coletados utilizando vários métodos, como: questionários e listas, entrevistas estruturadas, observações, análise de material escrito ou falado autêntico, discussões, avaliações. No caso desse trabalho, foram usados questionários, entrevistas e análise de material escrito.

Desse modo, conclui-se que este é apenas o pontapé inicial para pesquisas futuras que envolvam a utilização da língua inglesa no setor do Turismo da região do Delta do Parnaíba, tendo em vista que, mesmo com amostra reduzida (a dos stakeholders do curso Técnico em Hospedagem do CEEP – Ministro Petrônio Portela), foi possível obter resultados enriquecedores no sentido de desvendar as particularidades dessa região quanto à necessidade da língua inglesa para o seu desenvolvimento econômico e social. Pesquisas que envolvam profissionais que já atuem na área de hospedagem ou estudantes do ensino superior (por exemplo, do curso de Turismo), poderiam nos fornecer mais respostas valiosas para esse campo de estudo.

Outro ponto a ser levantado é o de que, devido à Pandemia do Covid-19, muitos dos esforços foram prejudicados, o que limitou a pesquisa, por exemplo, na aplicação do produto de modo online (o que pode ter contribuído para o reduzido número de participantes). Entende-se que resultados mais satisfatórios poderiam ter sido obtidos em uma situação menos atípica como a que tivemos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

ARAÚJO, L. L. B. (2018). **Turismo regional no litoral do nordeste brasileiro**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2018.

Araújo, L. M. de, Escouto, T. A. de A., Vieira, V. B., Ferreira, H. P & Perinotto, A. R. C. **Influência da roteirização em cenários turísticos brasileiros: Rota das Emoções- Parnaíba/Piauí (2005-2018)**. *Tourism and Hospitality International Journal*, 15(1), 40-58. (2020).

BALADELI, Ana P. D. O Ensino de Língua Inglesa na Educação Básica: entre o descrédito e a motivação. In: Congresso Nacional de Educação, 12., 2015, Curitiba. **Anais ...** Curitiba: PUCPR, 2015. p. 14466-14477. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17430_8651.pdf>. Acesso em 11 de Novembro de 2020.

BAMIDIS, Panagiotis D. Affective learning: principles, technologies, practice. In: **International Conference on Brain Function Assessment in Learning**. Springer, Cham, 2017. p. 1-13.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTURKMEN, H. **Developing courses in English for Specific Purposes**. New York: Palgrave, 2010

BELCHER, D. **English for Specific Purposes in theory and practice**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2009.

BERNARDO, João. **Reestruturação Capitalista e os desafios para os Sindicatos**. 1996, Lisboa: Mimeo.

BERNSTEIN, Basel. A pedagogização do conhecimento: estudos sobre recontextualização. **Cadernos de Pesquisa**, n. 120, p. 75-110, 2003.

BRASIL. CNE/CEB. **Resolução nº6**, de 20 de setembro de 2012. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17417&Itemid=866> Acesso em: 29 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (CNCT)**. 3. ed. Brasília, DF, 2014. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77451-cnct-3a-edicao-pdf-1&category_slug=novembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 20 Out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 4. versão. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília, DF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Língua Estrangeira** - 3º e 4º Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 13.415/2017**, de 13 de fevereiro de 2017

BRASIL. Ministério do Turismo. (2017). **Mapa do Turismo do Piauí mais do que dobra em um ano**. 2017. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/assuntos/8153-mapa-do-turismo-do-piau%C3%AD-mais-do-que-dobra-em-um-ano.html>.

BRASIL. (2014). **Marketing de destinos turísticos**. Disponível em: http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marketing_Destinos_Turisticos.pdf.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 3, DE 21 DE NOVEMBRO DE 2018**. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/kujrw0tzc2mb/content/id/51281622. Acesso em 20 nov. 2021.

BRASIL. **Cresce número de turistas estrangeiros que aprovam visita ao Brasil**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-05/cresce-numero-de-turistas-estrangeiros-que-aprovam-visita-ao-brasil>. Acesso em: Acesso em 12 nov. 2021.

BRAVERMAN, Harry. Revolução técnico-científica. In: **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. 3.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 137-147.

BRITISH COUNCIL. **Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil**: elaborado com exclusividade para o British Council pelo Instituto de Pesquisas Data Popular. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagem_pesquisacompleta.pdf>. Acesso em 20 nov. 2021.

BORGES, Vicente de Paula Censi. **Rota das emoções**: paisagem cultural e turismo no Polo Costa do Delta. Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/44176/6/Rota_das_emocoes.pdf. Acesso em: 22 nov. 2021.

BORGES, Liliam Faria Porto. Educação, escola e humanização em Marx, Engels e Lukács. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 55, n. 45, p. 101-126, jul/set. 2017

BOROCHOVICIUS, Eli; TORTELLA, Jussara Cristina Barboza Tortella. **Aprendizagem Baseada em Problemas**: um método de ensino-aprendizagem e

suas práticas educativas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014.

ClAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral. Por que lutamos? **Trabalho e Educação**. v.23, n.1, p. 187-205. Belo Horizonte, 2014.

CELANI, M.A.A., HOLMES, J., RAMOS, R.C.G., SCOTT, M.R. **The Brazilian ESP Project: an evaluation**. Centro de Pesquisas, Recursos e Informação em Leitura – PUCSP, São Paulo:EDUC, 1988.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação, **Revista e-Ped – FACOS/CNEC Osório** Vol.2, Nº1, p. 44-152, AGO/2012.

COMPARATO, Fábio Konder. Capitalismo: civilização e poder. **Estud. Av.** vol.25 n.72 São Paulo, 2011.

CRYSTAL, David. (2003), **English as a global language**. Cambridge, Cambridge University Press. Second Edition.

DAVIS, K., CHRISTODOULOU, J., SEIDER, S., & GARDNER, H. (2011). **The theory of multiple intelligences**. In R.J. Sternberg & S.B. Kaufman (Eds.), *Cambridge Handbook of Intelligence* (pp. 485-503). Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press.

DUDLEY-EVANS, T.; ST. JOHN, M. **Developments in ESP: A multi-disciplinary approach**. Cambridge, Cambridge University Press, 1998.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **O imperialismo na era neoliberal**. Crítica Marxista, São Paulo: Revan, v.1, n.18, 2004, p.11-36.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5 ed., São Paulo: Globo, 2005.

FREIRE, Gabriel Gonçalves; ROCHA, Zenaide de Fatima Dante Correia; GUERRINI, Daniel. Produtos educacionais do Mestrado Profissional em Ensino da UTFPR– Londrina: estudo preliminar das contribuições. **Revista Polyphonia**, v. 28, n. 2, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011

FREND, E. **How to teach Business English**. Harlow: Pearson Education Limited, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinariedade como problema nas ciências sociais. **Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste**. Campus de Foz do Iguaçu. v. 10. n. 1. p. 41-62, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 6 ed. 2008.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. 4. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1982.

HUTCHINSON, T.; A. WATERS. **English for Specific Purposes**: a learning-centred approach. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais**. 2018. [online] Disponível: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/pesquisa/45/62585>> Acessado: 20 de Novembro de 2019.

INSTITUTO Chico Mendes de Biodiversidade. **ICMBio**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/unidades-de-conservacao/biomas-brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2246-apa-delta-do-parnaiba>>. Acessado: 20.11.2019.

IRIMIEA, S. B. (2018). **The Relationship Between the Language of Tourism, Tourism and Sociology**. European Journal of Social Science Education and Research, 5(2), 128–141.

IWAI, T., KONDO, K., LIMM, S. J. D., RAY, E. G., SHIMIZU, H., and BROWN, J. D. **Japanese language needs analysis**. 1999. Disponível em: <http://www.nflrc.hawaii.edu/Networks/NW13/NW13.pdf>

JOSEPH. T. C.; MUNGHATE, R. G. Role of English in Travel. Tourism & Hospitality Industry. Role of English Language. In: **Travel & Tourism** Publisher: Sanjay Thakre, Shri. Sahitry Kendra, Nagpur, p.220-227, March 2012.

KONDER, L. **O futuro da filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in Second Language Acquisition**. Oxford, 1982.

MACHADO, S. B. Marx e a crítica à história como consciência: uma confrontação com a filosofia do sujeito. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho** (USP), v. 10, p. 63-79, 2007.

MADUREIRA, J. C. A Filosofia da Técnica de Álvaro Vieira Pinto e a Dimensão Ontológica e Histórica da Categoria Trabalho na EPT. **As Bases Conceituas na EPT** (livro eletrônico). 1. Ed., Brasília: Nova Paideia, 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARX, K.; ENGELS, F. **La ideologia alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974.

MASON, B.; KRASHEN, S. **Extensive reading in English as a foreign language**. System, v. 25, n. 1, p. 91-102, 1997.

MATOS, F. O. (2013). **Formação e limitações regionais do Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região Turística do Meio-Norte (Brasil)**. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas, SP. Editorial Psy II, 1995.

MOREIRA, M. A. O que é afinal Aprendizagem significativa? Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Instituto de Física, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, MT, 23 de abril de 2020.
Qurrriculum, La Laguna, Espanha, 2012.

MOREIRA, G. L.; CASTELO BRANCO, D. B.; CARVALHO, A. R. Crenças dos Profissionais de Turismo sobre a Relevância do Ensino de Espanhol como Língua Estrangeira – ELE. **Conexões** - Ciência e Tecnologia, [S.l.], v. 11, n. 3, p. 24-34, nov. 2017. ISSN 2176-0144. Disponível em: <<http://conexoes.ifce.edu.br/index.php/conexoes/article/view/905/1003>>. Acesso em: 18 nov. 2021. doi:<https://doi.org/10.21439/conexoes.v11i3.905>.

MOURA, D. H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p.705-720, 2013.

NASCIMENTO. A. K. Neoliberalismo e língua inglesa: um estudo de caso por meio do PIBID. **Ilha do Desterro**. Florianópolis, v.71, n.3, p.39-58, set/dez 2018

OLIVEIRA, T. F.; FRIGOTTO, G. As Bases da EPT em sua Relação com a Sociedade Brasileira: Concepções e Práticas em Disputa. **As Bases Conceituas na EPT** (livro eletrônico). 1. Ed., Brasília: Nova Paideia, 2021.

ORTIZ, R. As ciências sociais e o inglês. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 19 (54), fev, 2004.

PEREIRA, Priscila Santos. **VERANEIO, TURISMO DE SOL E PRAIA E IMOBILIÁRIO-TURÍSTICO: A FORMAÇÃO DA REGIÃO TURÍSTICA ENTRE O LITORAL SUL DE SERGIPE E O LITORAL NORTE DA BAHIA**. São Cristóvão, SE, 2019. 391 f.: il. Tese (doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

PRACHANANT, N. Needs Analysis on English Language use in Tourism Industry. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, n. 66, p.117-125, 2012.

RAMOS, M. N. **História e política da educação profissional**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

_____. Educação Profissional e Tecnológica: (Re)Conceituando (Contra)Hegemonia. **As Bases Conceituas na EPT** (livro eletrônico). 1. Ed., Brasília: Nova Paideia. 2021.

RIBEIRO, A. F. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas Sociais**. PUC-SP, v.19, p. 65-79, 2015.

RICHARDS, J. C. **Curriculum development in language teaching**. New York: Cambridge University Press, 2001.

ROMANOWSKY, P. Proposing a comprehensive framework for needs analysis in ESP: on the integrality of needs analysis in Business English course design.

Glottodidactica, Uniwersytet Warszawski, 2017, v. 44, n. 2, p. 147-159. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/320946932_Proposing_a_comprehensive_framework_for_needs_analysis_in_ESP_-_on_the_integrality_of_needs_analysis_in_Business_English_course_design.
Acessado: 20.11.2019.

SANTOS, M. P. dos. Importância do domínio de línguas estrangeiras pelos profissionais de secretariado executivo para atuação no mercado de trabalho em tempos de globalização: uma abordagem crítico-reflexiva. **GeSec: Revista de Gestão e Secretariado**, v. 03, p. 94-108, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a concepção de politécnica**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989.

_____. O choque teórico da politécnica. **Trab. educ. saúde** [online]. vol.1, n.1, pp.131-152, 2003.

_____. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.** [online]. vol.12, n.34, pp.152-165, 2007.

SERRANO, R.; LLANES, A.; TRAGANT, E. (2011). Analyzing the Effect of Context of Second Language Learning: Domestic Intensive and Semi-intensive Courses vs. Study Abroad in Europe. **System: An International Journal of Educational Technology and Applied Linguistics**. 39.10.1016/j.system. 201105.002.)

SIMONS, G. F., **Ethnologue: Languages of the World**. Ed. 23. Dallas, Texas: SIL International, 2020. Versão online: <http://www.ethnologue.com>.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis. Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2000.

SILVA, G. C. Tecnologia, educação e tecnocentrismo: as contribuições de Álvaro Vieira Pinto. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 94, n. 238, p. 839-857, set./dez. 2013.

SILVA, M. F.; FIORI, A. P. S. M. A Pesquisa como Princípio Pedagógico na Educação Profissional e Tecnológica. **As Bases Conceituais na EPT** (livro eletrônico). 1. Ed., Brasília: Nova Paideia. 2021.

SOBKOWIAK, P. Issues in ESP: **Designing a model for teaching English for Business purposes**. Poznań: Wydawnictwo UAM, 2008.

SONGHORI, M. H. **Introduction to Needs Analysis**. English for Specific Purposes world, **Issue**. 4, 2008.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TRIVINÕS. A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURNBULL, B.; EVANS, M. The effects of L1 and L2 group discussions on L2 reading comprehension. University of Hawaii National Foreign Language Resource Center; **Center for Language & Technology**. v. 29, n. 1, p. 133–154, abr. 2017.

ZABALA, A. A. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO/NEEDS ANALYSIS

Sexo: M () / F ()

Idade: _____

A) Target Situation Analysis (TSA)/ Análise da Situação Almejada

1. Quais habilidades você gostaria de desenvolver na língua inglesa? (você pode marcar mais de uma opção)

() fala () escuta () escrita () leitura

2. Quão necessário você acredita que será o inglês na sua vida como profissional da área de turismo?

() extremamente necessário () muito necessário () necessário () pouco necessário

() desnecessário

3. Escreva sobre possíveis situações que você poderá precisar do inglês na sua futura profissão relacionada ao setor do turismo.

4. Você crê que o inglês é apenas necessário em outros contextos de trabalho ou na sua região geográfica também?

a) apenas em outros contextos com demanda específica.

b) na minha região, pois há demanda específica.

c) em qualquer região, pois sempre há demanda por inglês no turismo.

5. Que tipo de diferencial o aprendizado da língua inglesa poderá lhe proporcionar?

a) acho que conseguirei um emprego melhor.

b) acho que garantirei ao menos ter um emprego.

c) acho que conseguirei acessar maior quantidade de conhecimentos (científico ou não)

d) acho que não vai fazer tanta diferença assim.

e) outro: _____

6. Você acredita que estudar garante melhores oportunidades profissionais? De que jeito?

B) *Learning Situation Analysis (LSA)*/ Análise de Situação de Aprendizado

1. Por que você estuda inglês?

- a) apenas porque é obrigatório.
- b) porque é obrigatório e necessário.
- c) porque é obrigatório, necessário e porque eu gosto.
- d) eu preferia estudar outra língua ou não estudar línguas estrangeiras.
- e) outro (especifique): _____

2. Você gosta de estudar a língua inglesa?

- a) sim, muito.
- b) sim, um pouco.
- c) não, mas não vejo problema.
- d) não, e preferia não ter que fazê-lo.

3. Você considera ter facilidade com línguas estrangeiras?

- a) sim, aprendo bem rápido.
- b) sim, mas há algumas dificuldades.
- c) não, mas me esforço para compensar.
- d) não, e isso me causa desconforto.

4. Você gosta de estudar português na escola?

- a) sim, e tenho facilidade com gramática.
- b) sim, mas não sei dizer o motivo.
- c) não, mas tenho muitas notas boas.
- d) não, e tenho dificuldade.

5. Como você gosta de aprender inglês? (você pode marcar mais de uma opção)

() com explicações () com vídeos () com música () com exercícios escritos () com

conversas em grupo () outra: _____

6. Você gosta de atividades relacionadas à língua inglesa? Por exemplo, assistir filmes ou séries em inglês com legenda em português, jogar jogos em língua inglesa, escutar músicas em inglês, conversar com amigos em inglês, entre outros. Cite quais:

7. Quais tópicos dentro da disciplina da língua inglesa são do seu interesse? Por exemplo, filmes, cultura de países de língua inglesa (EUA, Reino Unido, Austrália...), literatura, música, história, entre outros.

8. Você gosta de estudar para além do que o/a professor/a de inglês passa nas aulas?

- a) sim, sempre pesquiso coisas na internet ou em livros.
- b) sim, gosto de praticar com atividades de lazer.
- c) sim, peço ajuda a colegas.
- d) não.

C) *Present Situation Analysis (PSA)*/ Análise da Situação Atual

1. Há quanto tempo você estuda inglês?

- a) desde que se tornou obrigatório na escola.
- b) desde criança.
- c) desde que comecei a me interessar

2. Numa escala de 1 a 4, sendo 1 o menos desenvolvido e 4 o mais desenvolvido, como você julga seu conhecimento nas 4 habilidades de língua?

- () Fala
- () Escuta
- () Escrita
- () Leitura

3. Quanto tempo você tem para dedicar ao estudo da língua inglesa fora da sala de aula?

- a) muito tempo
- b) um tempo razoável
- c) pouco tempo
- d) quase não tenho tempo
- e) não tenho tempo

4. Além de estudar, você se dedica a outras atividades? Quais? Por exemplo, trabalho assalariado, trabalho doméstico, atividades religiosas, atividades de lazer, esporte, entre outras.

5. Dentre as atividades que você desenvolve para além dos estudos, você acha possível associá-las ao uso da língua inglesa?

- a) sim, praticamente todas.
- b) sim, algumas.
- c) sim, mas talvez seja difícil.
- d), não, não há como.

6. Seus pais ou responsáveis lhe incentivam a estudar uma segunda língua, ou entendem a importância disso?

- a) sim, eles me incentivam muito.
- b) sim, eles me incentivam um pouco.
- c) sim, eles me incentivam a estudar de forma geral, não só inglês.
- d) não, eles acham que não há importância.

7. A sua escolha pelo curso de Técnico em Hospedagem foi por quais motivos?

- () por eu me identificar com a área
- () por disponibilidade
- () por influência dos outros
- () por eu acreditar que há boas oportunidades de emprego
- () outro: _____

APÊNDICE B
ENTREVISTA PARA PROFESSORES DO CURSO TÉCNICO EM HOSPEDAGEM
DO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL – MINISTRO
PETRÔNIO PORTELA

Sexo: M () / F ()

Idade: _____

1. Você tem alguma formação em língua estrangeira? Qual a sua relação com a língua inglesa enquanto profissional que atua na formação de profissionais do setor do turismo?

2. Qual tipo de abordagem poderia ser adotada no ensino da língua inglesa no curso técnico em hospedagem para que os alunos tenham uma formação mais próxima da realidade que eles vivenciarão no trabalho?

3. O que você acha da interdisciplinaridade? Você, como professor, busca relacionar sua disciplina a outras disciplinas?

APÊNDICE C

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE para estudantes participantes da pesquisa com menos de 18 anos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Prezado (a) participante,

1) O estudo é intitulado “ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL” e está sendo desenvolvido pelo mestrando Arthur Rodrigues dos Santos, Matrícula 20192PROFEPT069, do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Parnaíba. O estudo está sob supervisão da Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes docente do programa.

2) Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você deve assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Sobre o estudo

3) O objetivo deste estudo é “investigar como o ensino da língua inglesa contribui na formação de profissionais técnicos em turismo, bem como propor um produto educacional no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especificamente para o técnico em hospedagem do CEEP- Ministro Petrônio Portela.”.

4) Este estudo justifica-se pela necessidade de entender o papel da língua inglesa para cursos técnicos na área de turismo bem como melhores formas de desenvolver essa prática educativa.

5) A estratégia para alcançar o objetivo deste estudo será mediante aplicação de questionário em local, data e horário escolhidos conjuntamente com os envolvidos (participante e pesquisador), priorizando as opções do participante.

6) Para o participante da pesquisa, tem-se os seguintes riscos: a) Invasão de privacidade; b) Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE ou TALE); c) Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário ou entrevista; d) não entender as perguntas ou sentir-se constrangido ou desconfortável. Para contornar essas possíveis situações, serão adotadas as seguintes cautelas e medidas: a) Garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; b) Minimização de desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; c) Atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; d) Garantia de não violação e de integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); e) Confidencialidade e privacidade, proteção da imagem e não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima ou de prestígio econômico ou financeiro; h) Garantia de acesso da população do estudo aos resultados e produtos da pesquisa de cunho apenas acadêmico; i) Suspensão imediata do estudo ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento ou assentimento; j) Os pesquisadores utilizarão palavras simples para facilitar as perguntas; l) O participante poderá retirar seu assentimento ou consentimento, bem como deixar a pesquisa, a qualquer tempo, sem nenhum tipo de ônus para si e sem prejuízo dos cuidados garantidos pelos pesquisadores.

7) Como benefício para os participantes da pesquisa que responderão aos questionários, visualiza-se que um estudo desta natureza proporciona conhecimentos que permitirão aos jovens participantes um aprendizado mais significativo da língua inglesa e mais próximo de suas necessidades. Também é visto como benefício o fato de que todos os participantes dessa pesquisa terão acesso aos resultados desse trabalho, tanto por meio do envio direto da dissertação, publicações oriundas dessa pesquisa, bem como o produto previsto nesse programa.

Confidencialidade e Isenção na participação

8) De acordo com o previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá qualquer tipo de pagamento financeiro por sua participação neste estudo. Da mesma forma, este estudo não tem custos para o participante. Mesmo assim, assegura-se total

ressarcimento e indenização ao participante para qualquer custo que venha a ter devido a sua participação na pesquisa.

9) É garantido a você, participante, o sigilo. Assim, os dados obtidos na entrevista e questionário serão manuseados somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em encontros, revistas científicas, etc., porém, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

10) Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; podendo retirar-se desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Por fim,

11) A qualquer tempo, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa. Endereço do Comitê de Ética: Reitoria do Instituto Federal do Piauí Avenida Presidente Jânio Quadros, nº 330, Santa Isabel, sala 3, CEP: 64053-390, Teresina-PI, Telefone: (86) 3131-1441

12) Os dados coletados nessa pesquisa serão guardados em local seguro por um período de 5 anos contados a partir da publicação dessa pesquisa.

13) Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os responsáveis por este estudo:

- Mestrando: Arthur Rodrigues dos Santos, Telefone (86) 99910-0611, e-mail tucarthur44@gmail.com
- Orientador Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Telefone (86) 99410-9468, e-mail marcio@ifpi.edu.br

Considerando, que fui informado (a) do objetivo e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu assentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Também, afirmo que me foi garantido que posso retirar meu assentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Parnaíba, PI, 30 de Março de 2021.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para responsável dos estudantes participantes da pesquisa menores de 18 anos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) responsável,

1) O estudo é intitulado “ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL” e está sendo desenvolvido pelo mestrando Arthur Rodrigues dos Santos, Matrícula 20192PROFEPT069, do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Parnaíba. O estudo está sob supervisão da Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes docente do programa.

2) Antes de decidir se deseja autorizar a participação de seu/sua filho (a) (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida autorizar, você deve assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Sobre o estudo

3) O objetivo deste estudo é “investigar como o ensino da língua inglesa contribui na formação de profissionais técnicos em turismo, bem como propor um produto educacional no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especificamente para o técnico em hospedagem do CEEP- Ministro Petrônio Portela.”.

4) Este estudo justifica-se pela necessidade de entender o papel da língua inglesa para cursos técnicos na área de turismo bem como melhores formas de desenvolver essa prática educativa.

5) A estratégia para alcançar o objetivo deste estudo será mediante aplicação de questionário em local, data e horário escolhidos conjuntamente com os envolvidos (participante e pesquisador), priorizando as opções do participante.

6) Para o participante da pesquisa, tem-se os seguintes riscos: a) Invasão de privacidade; b) Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE ou TALE); c) Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário ou entrevista; d) não entender as perguntas ou sentir-se constrangido ou desconfortável. Para contornar essas possíveis situações, serão adotadas as seguintes cautelas e medidas: a) Garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; b) Minimização de desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; c) Atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; d) Garantia de não violação e de integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); e) Confidencialidade e privacidade, proteção da imagem e não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima ou de prestígio econômico ou financeiro; h) Garantia de acesso da população do estudo aos resultados e produtos da pesquisa de cunho apenas acadêmico; i) Suspensão imediata do estudo ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento ou assentimento; j) Os pesquisadores utilizarão palavras simples para facilitar as perguntas; l) O participante poderá retirar seu assentimento ou consentimento, bem como deixar a pesquisa, a qualquer tempo, sem nenhum tipo de ônus para si e sem prejuízo dos cuidados garantidos pelos pesquisadores.

7) Como benefício para os participantes da pesquisa que responderão aos questionários, visualiza-se que um estudo desta natureza proporciona conhecimentos que permitirão aos jovens participantes um aprendizado mais significativo da língua inglesa e mais próximo de suas necessidades. Também é visto como benefício o fato de que todos os participantes dessa pesquisa terão acesso aos resultados desse trabalho, tanto por meio do envio direto da dissertação, publicações oriundas dessa pesquisa, bem como o produto previsto nesse programa.

Confidencialidade e Isenção na participação

8) De acordo com o previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá qualquer tipo de pagamento financeiro por sua participação neste estudo.

Da mesma forma, este estudo não tem custos para o participante. Mesmo assim, assegura-se total ressarcimento e indenização ao participante para qualquer custo que venha a ter devido a sua participação na pesquisa.

9) É garantido a você, participante, o sigilo. Assim, os dados obtidos na entrevista e questionário serão manuseados somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em encontros, revistas científicas, etc., porém, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

10) A participação do aluno (a) é voluntária. O aluno (a) não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; podendo retirar-se desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Por fim,

11) A qualquer tempo, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa. Endereço do Comitê de Ética: Reitoria do Instituto Federal do Piauí Avenida Presidente Jânio Quadros, nº 330, Santa Isabel, sala 3, CEP: 64053-390, Teresina-PI, Telefone: (86) 3131-1441

12) Os dados coletados nessa pesquisa serão guardados em local seguro por um período de 5 anos contados a partir da publicação dessa pesquisa.

13) Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os responsáveis por este estudo:

- Mestrando: Arthur Rodrigues dos Santos, Telefone (86) 99910-0611, e-mail tucarthur44@gmail.com
- Orientador Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Telefone (86) 99410-9468, e-mail marcio@ifpi.edu.br

Considerando, que fui informado (a) do objetivo e da relevância do estudo proposto, de como será a participação de meu/minha filho (a), dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em autorizar a participação dele (a) na pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Também, afirmo que me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação de meu filho (a) no projeto de pesquisa acima descrito.

Parnaíba, PI, 30 de Março de 2021.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE E

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para estudantes participantes maiores de 18 anos

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) participante,

1) O estudo é intitulado “ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL” e está sendo desenvolvido pelo mestrando Arthur Rodrigues dos Santos, Matrícula 20192PROFEPT069, do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Parnaíba. O estudo está sob supervisão da Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes docente do programa.

2) Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você deve assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Sobre o estudo

3) O objetivo deste estudo é “investigar como o ensino da língua inglesa contribui na formação de profissionais técnicos em turismo, bem como propor um produto educacional no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especificamente para o técnico em hospedagem do CEEP- Ministro Petrônio Portela.”.

4) Este estudo justifica-se pela necessidade de entender o papel da língua inglesa para cursos técnicos na área de turismo bem como melhores formas de desenvolver essa prática educativa.

5) A estratégia para alcançar o objetivo deste estudo será mediante aplicação de questionário em local, data e horário escolhidos conjuntamente com os envolvidos (participante e pesquisador), priorizando as opções do participante.

6) Para o participante da pesquisa, tem-se os seguintes riscos: a) Invasão de privacidade; b) Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE ou TALE); c) Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário ou entrevista; d) não entender as perguntas ou sentir-se constrangido ou desconfortável. Para contornar essas possíveis situações, serão adotadas as seguintes cautelas e medidas: a) Garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; b) Minimização de desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; c) Atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; d) Garantia de não violação e de integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); e) Confidencialidade e privacidade, proteção da imagem e não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima ou de prestígio econômico ou financeiro; h) Garantia de acesso da população do estudo aos resultados e produtos da pesquisa de cunho apenas acadêmico; i) Suspensão imediata do estudo ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento ou assentimento; j) Os pesquisadores utilizarão palavras simples para facilitar as perguntas; l) O participante poderá retirar seu assentimento ou consentimento, bem como deixar a pesquisa, a qualquer tempo, sem nenhum tipo de ônus para si e sem prejuízo dos cuidados garantidos pelos pesquisadores.

7) Como benefício para os participantes da pesquisa que responderão aos questionários, visualiza-se que um estudo desta natureza proporciona conhecimentos que permitirão aos jovens participantes um aprendizado mais significativo da língua inglesa e mais próximo de suas necessidades. Também é visto como benefício o fato de que todos os participantes dessa pesquisa terão acesso aos resultados desse trabalho, tanto por meio do envio direto da dissertação, publicações oriundas dessa pesquisa, bem como o produto previsto nesse programa.

Confidencialidade e Isenção na participação

8) De acordo com o previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá qualquer tipo de pagamento financeiro por sua participação neste estudo. Da mesma forma, este estudo não tem custos para o participante. Mesmo assim, assegura-se total

ressarcimento e indenização ao participante para qualquer custo que venha a ter devido a sua participação na pesquisa.

9) É garantido a você, participante, o sigilo. Assim, os dados obtidos na entrevista e questionário serão manuseados somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em encontros, revistas científicas, etc., porém, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

10) Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; podendo retirar-se desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Por fim,

11) A qualquer tempo, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa. Endereço do Comitê de Ética: Reitoria do Instituto Federal do Piauí Avenida Presidente Jânio Quadros, nº 330, Santa Isabel, sala 3, CEP: 64053-390, Teresina-PI, Telefone: (86) 3131-1441

12) Os dados coletados nessa pesquisa serão guardados em local seguro por um período de 5 anos contados a partir da publicação dessa pesquisa.

13) Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os responsáveis por este estudo:

- Mestrando: Arthur Rodrigues dos Santos, Telefone (86) 99910-0611, e-mail tucarthur44@gmail.com
- Orientador Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Telefone (86) 99410-9468, e-mail marcio@ifpi.edu.br

Considerando, que fui informado (a) do objetivo e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Também, afirmo que me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Parnaíba, PI, 30 de Março de 2021.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE F

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para os professores do curso

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ (IFPI) MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (PROFEPT)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a) participante,

1) O estudo é intitulado “ENSINO DA LÍNGUA INGLESA CONTEXTUALIZADO NA FORMAÇÃO TÉCNICO EM HOSPEDAGEM: UMA PROPOSTA COMPLEMENTAR DE INTEGRAÇÃO ENTRE A TEORIA E VIVÊNCIA DA PRÁTICA PROFISSIONAL” e está sendo desenvolvido pelo mestrando Arthur Rodrigues dos Santos, Matrícula 20192PROFEPT069, do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), campus Parnaíba. O estudo está sob supervisão da Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes docente do programa.

2) Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você deve assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Sobre o estudo

3) O objetivo deste estudo é “investigar como o ensino da língua inglesa contribui na formação de profissionais técnicos em turismo, bem como propor um produto educacional no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), especificamente para o técnico em hospedagem do CEEP- Ministro Petrônio Portela.”.

4) Este estudo justifica-se pela necessidade de entender o papel da língua inglesa para cursos técnicos na área de turismo bem como melhores formas de desenvolver essa prática educativa.

5) A estratégia para alcançar o objetivo deste estudo será mediante aplicação de questionário em local, data e horário escolhidos conjuntamente com os envolvidos (participante e pesquisador), priorizando as opções do participante.

6) Para o participante da pesquisa, tem-se os seguintes riscos: a) Invasão de privacidade; b) Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE ou TALE); c) Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário ou entrevista; d) não entender as perguntas ou sentir-se constrangido ou desconfortável. Para contornar essas possíveis situações, serão adotadas as seguintes cautelas e medidas: a) Garantia de acesso aos resultados individuais e coletivos; b) Minimização de desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras; c) Atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; d) Garantia de não violação e de integridade dos documentos (danos físicos, cópias, rasuras); e) Confidencialidade e privacidade, proteção da imagem e não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima ou de prestígio econômico ou financeiro; h) Garantia de acesso da população do estudo aos resultados e produtos da pesquisa de cunho apenas acadêmico; i) Suspensão imediata do estudo ao perceber algum risco ou dano à saúde do sujeito participante da pesquisa, não previsto no termo de consentimento ou assentimento; j) Os pesquisadores utilizarão palavras simples para facilitar as perguntas; l) O participante poderá retirar seu assentimento ou consentimento, bem como deixar a pesquisa, a qualquer tempo, sem nenhum tipo de ônus para si e sem prejuízo dos cuidados garantidos pelos pesquisadores.

7) Como benefício para os participantes da pesquisa que responderão aos questionários, visualiza-se que um estudo desta natureza proporciona conhecimentos que permitirão aos jovens participantes um aprendizado mais significativo da língua inglesa e mais próximo de suas necessidades. Também é visto como benefício o fato de que todos os participantes dessa pesquisa terão acesso aos resultados desse trabalho, tanto por meio do envio direto da dissertação, publicações oriundas dessa pesquisa, bem como o produto previsto nesse programa.

Confidencialidade e Isenção na participação

8) De acordo com o previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá qualquer tipo de pagamento financeiro por sua participação neste estudo. Da mesma forma, este estudo não tem custos para o participante. Mesmo assim, assegura-se total ressarcimento e indenização ao participante para qualquer custo que venha a ter devido a sua

participação na pesquisa.

9) É garantido a você, participante, o sigilo. Assim, os dados obtidos na entrevista e questionário serão manuseados somente pelos pesquisadores, não sendo permitido o acesso a outras pessoas. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados em encontros, revistas científicas, etc., porém, serão mostrados apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

10) Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; podendo retirar-se desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.

Por fim,

11) A qualquer tempo, o Comitê de Ética pode ser consultado para esclarecer dúvidas sobre aspectos éticos da pesquisa. Endereço do Comitê de Ética: Reitoria do Instituto Federal do Piauí Avenida Presidente Jânio Quadros, nº 330, Santa Isabel, sala 3, CEP: 64053-390, Teresina-PI, Telefone: (86) 3131-1441

13) Os dados coletados nessa pesquisa serão guardados em local seguro por um período de 5 anos contados a partir da publicação dessa pesquisa.

12) Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para os responsáveis por este estudo:

- Mestrando: Arthur Rodrigues dos Santos, Telefone (86) 99910-0611, e-mail tucarthur44@gmail.com
- Orientador Prof. Dr. Márcio Aurélio Carvalho de Moraes, Telefone (86) 99410-9468, e-mail marcio@ifpi.edu.br

Considerando, que fui informado (a) do objetivo e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento. Também, afirmo que me foi garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Parnaíba, PI, 30 de Março de 2021.

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

APÊNDICE G
Questionário de Avaliação de Curso de Extensão

		Ruim	Razoável	Bom	Muito bom	Excelente	Não se aplica
Como você avalia a sua participação no curso?							
Autoavaliação	Compreensão do assunto apresentado						
	Integração com os demais participantes						
	Interesse e participação no decorrer do curso						
Como você avalia o curso e o professor, quanto a:							
Professor	Conhecimento e domínio do assunto						
	Clareza de explicação						
	Facilidade de comunicação e de relacionamento com a turma						
	Atendimento e esclarecimento de dúvidas individuais						
	Coerência entre o programa de curso e a contextualização da área profissional						
Metodologia	Qualidade do material e recursos didáticos						
	Dinâmicas e técnicas de trabalho utilizadas						
	Carga horária disponível para o curso						
Conteúdo Programático	Aplicabilidade do conteúdo na sua profissão						
	Nível de satisfação do conteúdo às suas necessidades profissionais						
	Compreensão do objetivo do curso						

Comentários acerca dos pontos fortes e fracos do curso.

ANEXOS

ANEXO A
MATRIZ CURRICULAR DO CURSO TÉCNICO DE NÍVEL MÉDIO EM
HOSPEDAGEM

	ÁREAS DO CONHECIMENTO E ÁREA PROFISSIONAL	COMPONENTES CURRICULARES	Carga Horária por série			C/H Total	VTO/TCO
			1ª Série	2ª Série	3ª Série		
LEI 9394/96 / DECRETO FEDERAL Nº 5154/04	Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	102	68	102	272	-
		Artes	-	-	34	34	-
		Informática	68	-	-	68	-
		Educação Física	-	68	-	68	-
		Língua Inglesa	68	-	-	68	-
		Língua Espanhola	-	68	-	68	-
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	68	68	34	170	-
		História	68	68	34	170	-
		Filosofia	34	34	34	102	-
		Sociologia	34	34	34	102	-
		Ensino Religioso	34	-	-	34	-
	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	Matemática	68	68	68	204	-
		Física	68	68	34	170	-
		Química	68	68	34	170	-
		Biologia	68	68	34	170	-
	SUB-TOTAL		748	680	442	1.870	-
	Educação Profissional Técnica	Meios de Hospedagem I	-	136	-	136	-
		Introdução ao Turismo	68	-	-	68	-
		Marketing Turístico	-	68	-	68	-
		Legislação Aplicada ao Turismo	68	-	-	68	-
		Economia Aplicada ao Turismo	68	-	-	68	-
		Empreendedorismo	-	68	-	68	-
		Administração Aplicada ao Turismo	68	-	-	68	-
		Meios de Hospedagem II	-	-	136	136	-
		Eventos	-	68	-	68	-
		Técnica de Guiamento	-	-	102	102	-
		Alimentos e Bebidas	-	-	68	68	-
		Patrimônio Natural, Histórico e Cultural	-	-	68	68	-
		Transportes Turísticos	-	-	68	68	-
		Animação Turística	-	-	68	68	-
		Agências de Viagens	-	-	68	68	-
	SUB-TOTAL		272	340	578	1.190	-
	Carga Horária Anual		1.020	1.020	1.020	3.060	-
	Visita Técnica Orientada-VTO ou Trabalho de Campo Orientado –TCO		-	-	-	30	30
	Carga Horária Total		1.020	1.020	1.020	3.090	30